



PRÊMIO ARI DE JORNALISMO 2023, 2024 E 2025
Reportagem Econômica

MAPA ECONÔMICO DO RS

Caderno Especial do Jornal do Comércio
Porto Alegre, terça-feira, 14 de abril de 2026

4ª temporada - 2026

1ª edição

Região da Serra
Região das Hortênsias
Campos de Cima da Serra
Paranhana e Encosta da Serra
Vale do Caí



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL



BRDE



CYRELA



CREA-RS
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul

grupo | **avel.**



FERNANDES MACHADO
business law

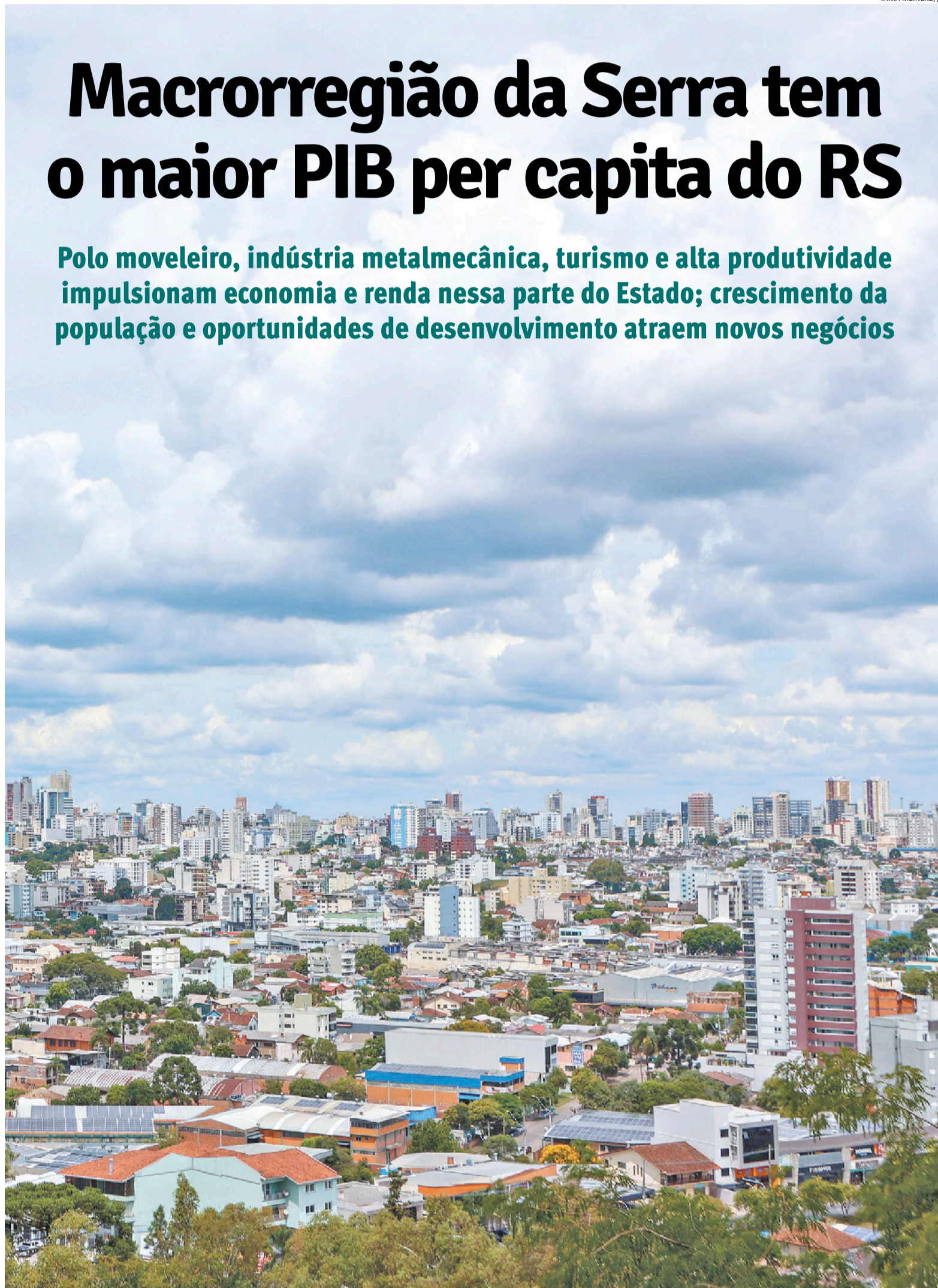
elevcode

CORSAN^{ce}

GARIBALDI
COOPERATIVA VINÍCOLA
A vida em harmonia

Macrorregião da Serra tem o maior PIB per capita do RS

Polo moveleiro, indústria metalmecânica, turismo e alta produtividade impulsionam economia e renda nessa parte do Estado; crescimento da população e oportunidades de desenvolvimento atraem novos negócios



Com o segundo maior PIB entre os municípios do Rio Grande do Sul, Caxias do Sul reúne grande população, parque industrial e serviços

TÂNIA MEINERZ/JC

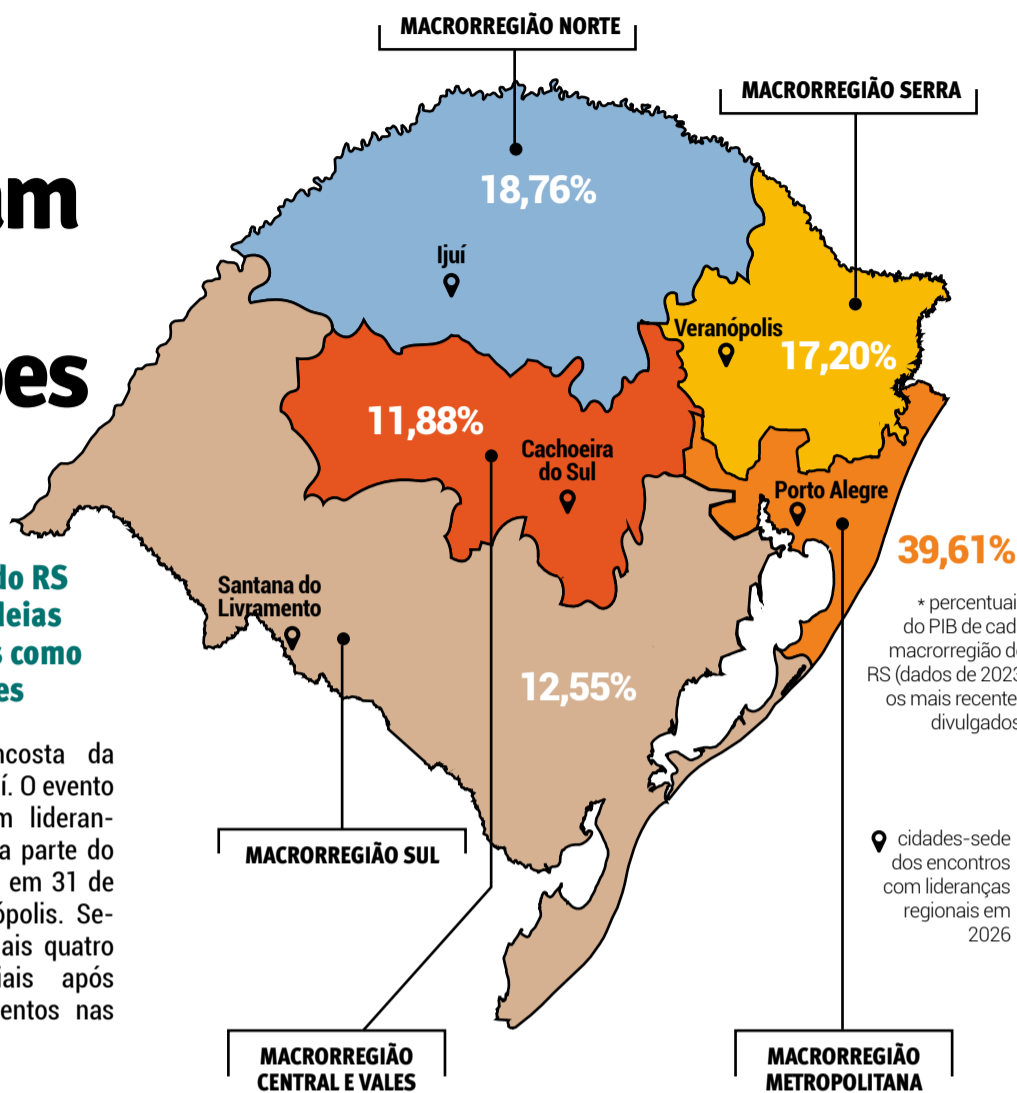
PANORAMA

Dados mostram participação de cinco regiões no PIB do RS

Quarta temporada do Mapa Econômico do RS faz um levantamento atualizado das cadeias produtivas e traz análise de indicadores como PIB, população, desafios e oportunidades

Pelo quarto ano consecutivo, o Jornal do Comércio promove o mapeamento da economia do Rio Grande do Sul, com a divisão do Estado em cinco macrorregiões. Esta é a primeira edição de 2026, e abrange as Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias,

Paranhana e Encosta da Serra e Vale do Caí. O evento para discutir com lideranças regionais essa parte do Estado aconteceu em 31 de março em Veranópolis. Serão publicados mais quatro cadernos especiais após outros quatro eventos nas regiões do RS.



As cinco regiões

- Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí**
Evento em Veranópolis realizado em 31 de março
- Regiões Central, Vales do Taquari, do Jaguari, do Rio Pardo e Jacuí Centro**
Evento em Cachoeira do Sul será realizado em 15 de abril
- Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste**
Evento em Santana do Livramento será realizado em 12 de maio
- Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucaraí, Rio da Várzea e Alto Jacuí**
Evento em Ijuí será realizado em 28 de maio
- Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral**
Evento em Porto Alegre será realizado no dia 18 de junho

Ranking do PIB gaúcho por Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes)

Corede	PIB 2020 (em R\$)	PIB 2021 (em R\$)	PIB 2022 (em R\$)	PIB 2023 (em R\$)	Participação aproximada no PIB estadual (2023)	Macrorregião no Mapa Econômico
1º Metropolitano	116.084.255.683	131.450.070.517	139.649.850.891	159.716.583.755	24,56%	Metropolitana
2º Vale do Sinos	59.233.708.601	68.494.654.247	78.447.484.346	83.685.973.357	12,87%	Metropolitana
3º Serra	52.294.019.824	63.598.107.573	67.099.545.602	75.126.103.976	11,55%	Serra
4º Sul	27.645.628.740	36.720.444.225	36.566.125.819	39.580.398.893	6,08%	Sul
5º Vale do Rio Pardo	19.988.093.490	21.645.354.271	23.240.791.805	27.090.911.148	4,16%	Central
6º Produção	18.621.516.955	24.354.041.158	25.534.894.264	26.067.530.854	4,00%	Norte
7º Vale do Taquari	16.258.628.398	19.115.555.723	20.213.087.889	22.182.158.036	3,41%	Central
8º Fronteira Oeste	15.487.155.820	21.231.942.476	18.383.493.489	21.078.366.494	3,24%	Sul
9º Central	14.647.908.978	18.757.007.907	16.716.192.128	17.694.567.308	2,72%	Central
10º Norte	11.214.782.463	13.897.181.840	14.486.561.034	15.461.317.845	2,37%	Norte
11º Litoral	10.184.847.099	11.811.339.332	12.392.535.319	14.123.368.283	2,17%	Metropolitana
12º Noroeste Colonial	8.917.363.720	12.844.006.894	12.049.898.280	12.852.746.506	1,97%	Norte
13º Alto Jacuí	9.449.984.415	14.526.251.622	12.765.095.715	12.823.036.321	1,97%	Norte
14º Fronteira Noroeste	9.484.853.659	12.137.831.514	12.968.969.040	12.082.541.194	1,85%	Norte
15º Vale do Caí	8.395.630.081	11.052.395.600	11.795.882.841	11.557.988.560	1,77%	Serra
16º Missões	9.453.068.127	13.232.531.615	10.703.473.962	11.271.334.414	1,73%	Norte
17º Campanha	7.786.239.621	11.096.358.234	10.277.145.927	10.559.172.107	1,62%	Sul
18º Centro-Sul	7.240.751.703	9.398.634.217	9.541.477.838	10.354.174.492	1,59%	Sul
19º Paranhana-Encosta da Serra	6.795.365.918	7.673.898.249	8.407.427.202	9.660.885.948	1,48%	Serra
20º Hortênsias	5.388.082.468	6.975.537.074	7.718.476.256	8.601.842.409	1,32%	Serra
21º Nordeste	5.740.140.861	8.128.972.215	7.440.542.232	7.948.350.560	1,22%	Norte
22º Médio Alto Uruguai	5.224.562.627	6.170.642.049	6.048.165.610	6.947.052.635	1,06%	Norte
23º Campos de Cima da Serra	4.707.328.161	6.640.685.035	5.766.282.483	6.893.800.534	1,06%	Serra
14º Rio da Várzea	5.166.138.902	7.188.396.174	6.402.453.839	6.327.565.195	0,97%	Norte
25º Celeiro	4.879.577.485	6.403.388.242	5.398.615.661	5.942.416.958	0,91%	Norte
26º Jacuí Centro	4.064.963.490	6.174.083.601	5.429.257.375	5.757.412.908	0,88%	Central
27º Vale do Jaguari	3.589.507.430	5.692.618.848	4.232.584.334	4.482.313.135	0,68%	Central
28º Alto da Serra do Botucaraí	2.997.741.322	4.871.746.860	3.957.345.034	4.237.108.591	0,65%	Norte

Meu Rio Grande tá diferente.

Um Rio Grande diferente com conquistas que beneficiam todos os gaúchos.

- SUS Gaúcho para ampliar o acesso à saúde;
- Uniformes escolares para mais de 720 mil alunos;
- Redução recorde de crimes no ano mais seguro da história do Estado;
- Menor ICMS do Brasil e mais de 1 milhão de famílias com cashback de impostos;
- Mais de 100 bilhões em novos investimentos impulsionando negócios pelo RS.

É o Plano Rio Grande fazendo a diferença e construindo um futuro de desenvolvimento para toda a nossa gente.



Para mais informações, escaneie o QR Code ou acesse: planoriogrande.rs.gov.br



GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

CARTA DO EDITOR

Área com maior PIB per capita do RS atrai população e cria oportunidades



Guilherme Kolling

Editor-Chefe do Jornal do Comércio

Um dos novos indicadores trazidos nesta edição do projeto Mapa Econômico do Rio Grande do Sul é o PIB per capita nas diferentes partes do Estado. Com uma indústria forte e diversificada em municípios como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha e Carlos Barbosa, além de alta produtividade, a Macrorregião da Serra se destaca como a área mais rica do RS, considerando este aspecto.

O bloco formado pelas Regiões da Serra, Hortênsias, Campos de Cima da Serra, Paranhana e Encosta da Serra e Vale do Caí concentra 17,2% do Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho. E, além de atividades com alto valor agregado, como a indústria metalmeccânica – com milhares de empresas e presença de multinacionais –, o polo moveleiro e o setor vitivinícola, essa porção do Estado tem outro importante ativo: segue atraindo novos moradores.

Um dos grandes desafios do Rio Grande do Sul é o envelhecimento da população – projeções dão conta de que já a partir de 2027 o Estado começará a ter redução no número de habitantes. Entre 2010 e 2022, datas dos últimos Censos do IBGE, poucas regiões no Estado tiveram expressivo crescimento populacional.

Apenas três dos 28 Core-des (Conselhos Regionais de Desenvolvimento, como são chamadas as microrregiões em que o Estado é subdividido) tiveram alta de dois dígitos na população nesses 12 anos

(2010-2022), sendo a Região das Hortênsias, puxada por Gramado e Canela, uma delas. A Serra, por sua vez, cresceu 9% em população. É um dado importante para a economia da região.

Com esses dois fatores – PIB per capita mais elevado do Rio Grande do Sul e população ainda em crescimento – a Macrorregião da Serra tem uma ampla gama de oportunidades de desenvolvimento, seja no setor de serviços, como o turismo, seja na indústria, atraindo importantes investimentos.

O mercado consumidor forte e cadeias produtivas consolidadas são ativos importantes, ainda mais em uma região que agrega produtividade elevada, diversificação econômica e capacidade de atrair investimentos e população, mesmo em um cenário estadual de estagnação demográfica.

Mas, para sustentar o crescimento, a Serra ainda tem desafios. Um deles é a falta de mão de obra. Na variação do dado do emprego formal entre 2025 e 2026, houve estagnação, com alta de apenas 0,01% no número de vagas ocupadas na macrorregião, embora o mercado siga aquecido e existam milhares de postos não preenchidos, indicando descompasso entre oferta e demanda por trabalhadores.

O problema da falta de mão de obra não é exclusividade da Serra, é tema de queixas de lideranças em todas as partes do Rio Grande do Sul, assim como a infraestrutura, que permanece como gargalo ao desenvolvimento

econômico, dificultando o escoamento da produção industrial bem como o fluxo turístico para as áreas que atraem grande parte dos visitantes ao solo gaúcho, notadamente Gramado/Canela e Vale dos Vinhedos.

Não por acaso, foram temas recorrentes citados entre as mais de 100 lideranças que participaram do primeiro painel de 2026 do projeto Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, realizado no dia 31 de março na Associação Comercial, Cultural e Industrial de Veranópolis.

Um exemplo dessas adversidades logísticas, intensificadas após a enchente de 2024, foi o trajeto que a equipe do Jornal do Comércio fez de Porto Alegre a Veranópolis. Em vez de duas horas de carro, o percurso levou mais tempo em função das obras na rodovia BR-470, no trecho entre Bento Gonçalves e Veranópolis – muitos motoristas optam, inclusive, por um desvio por Cotiporã.

O Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) faz um trabalho importante de recuperação em 25 quilômetros dessa estrada, afetada pela cheia. Mas até a empreitada ser concluída, o trânsito seguirá no sistema de "pare e siga", afetando a mobilidade da região.

A cada ano, na Serra Gaúcha, repete-se o consenso da importância de duplicação de rodovias, especialmente entre Porto Alegre e Caxias do Sul, além da construção

do novo aeroporto de Vila Oliva, projeto que deve começar a sair do papel neste ano. Foi assim nos encontros com lideranças regionais em 2023 (Caxias do Sul), 2024 (Bento Gonçalves), 2025 (Garibaldi) e 2026 (Veranópolis).

Esta é a quarta temporada do projeto Mapa Econômico do RS, que busca mapear, com profundidade e dados, potencialidades e desafios ao desenvolvimento das diferentes regiões. O trabalho seguirá combinando apuração jornalística, entrevistas, análise de informações do poder público e de entidades privadas com reuniões em municípios de diferentes partes do Estado.

O resultado é um panorama das diferentes cadeias produtivas, mostrando janelas de oportunidades para estimular o desenvolvimento e caminhos para superar desafios. Mais do que isso, a iniciativa busca, com jornalismo de dados, cruzar informações e criar novos indicadores sobre o presente da economia gaúcha, permitindo mais precisão no planejamento do futuro do Estado.

Seguiremos, até o fim deste ano, percorrendo o Rio Grande do Sul em novos encontros com lideranças regionais, produzindo conteúdos especiais sobre cada macrorregião. Esta é a primeira edição, e ainda publicaremos outros quatro capítulos após os novos encontros, que estão previstos para 15 de abril em Cachoeira do Sul (Macrorregião Central), 12 de maio em Santana do Livramento (Macrorregião Sul/Fronteira Oeste), 28 de maio em Ijuí (Macrorregião Norte) e 18 de junho em Porto Alegre (Macrorregião Metropolitana).
Boa leitura!

Esta é a quarta temporada do projeto Mapa Econômico do RS; no detalhe, capas do capítulo Serra nas edições anteriores



EXPEDIENTE

- **Editor-Chefe:** Guilherme Kolling (guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br)
- **Editores-executivos:** Fernanda Crancio (fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br) e Mauro Belo Schneider (mauro.belo@jornaldocomercio.com.br)
- **Subeditora de Cadernos Especiais:** Bruna Suptitz (bruna.suptitz@jornaldocomercio.com.br)
- **Reportagem:** Ana Stobbe (ana.stobbe@jcrs.com.br), Eduardo Torres (eduardo.torres@jcrs.com.br) e Gabrieli Silva (gabrieli.silva@jcrs.com.br)
- **Diagramação:** Luís Gustavo Van Ondheusden e Ingrid Müller

ÍNDICE

Dados do PIB em 5 regiões do RS
p. 2

RS volta a perder participação no PIB nacional
p. 6

Serra tem o maior PIB per capita do RS
p. 8, 10 e 12

O trabalho formal na Serra
p. 14 e 16

RS perderá população a partir de 2027
p. 18 e 19

Mapa aponta oportunidades para a região
p. 20 e 21

RS emprega mais de 50 mil imigrantes
p. 22

Aumento populacional e economia alavancam construção civil
p. 23

A produção vitivinícola e o enoturismo
p. 24 e 25

Agropecuária e agroindústria na Serra
p. 26, 27 e 28

Indústria busca novos mercados
p. 29, 30 e 31

A aviação e os entraves logísticos regionais
p. 32, 33 e 34

Resort mira turistas internacionais
p. 35

Quem esteve no evento em Veranópolis
p. 36 a 39



CREA-RS

Conselho Regional de Engenharia
e Agronomia do Rio Grande do Sul

CONTRATE UM PROFISSIONAL LEGALMENTE HABILITADO

NOSSA GESTÃO, NOSSO PROPÓSITO



CONJUNTURA

RS voltou a perder participação no PIB nacional

Com clima adverso para a safra, PIB cresceu apenas 0,9% ao longo de 2025, o que reduziu a contribuição na economia nacional de 6,02% para 5,9%

Ana Stobbe

O Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul tem um componente de grande peso: a agropecuária. Dependente do clima, ela faz com que a economia gaúcha oscile de acordo com as safras boas e as frustradas. Isso porque, quando a atividade primária vai mal, toda a cadeia do agronegócio — incluindo a atividade industrial — é impactada. E foi justamente por problemas climáticos que o Estado voltou a perder

participação no PIB do Brasil.

Nos anos 2020, o clima foi um ator importante no cenário econômico do RS. Afinal, sucessivas safras frustradas por estiagens derrubaram a relevância do Estado perante o País. Nos últimos seis anos, apenas 2021 pode ser visto como verdadeiramente positivo — justamente quando o PIB estadual cresceu 9,3% e a participação no PIB nacional subiu de 6,2% para 6,5%, o mesmo patamar de 2019. Entretanto, em seus piores momentos, nos anos de 2022 e 2023, o índice chegou aos 5,9%.

A economia ensaiou uma retomada em 2024, o ano da trágica enchente que abalou o Rio Grande do Sul. Sem uma forte estiagem como a dos anos anteriores, a perspectiva era boa para a safra. Entretanto, as fortes chuvas trouxeram perdas

de camadas superficiais do solo e das colheitas que ainda não haviam sido realizadas, incluindo parte das lavouras de soja e de milho. Mesmo assim, foi possível recuperar um pouco da participação perdida, subindo a contribuição estadual no PIB brasileiro para 6,2%.

“Como a maior parte da soja e do milho já tinha sido colhida, a enchente não gerou uma perda muito grande na agropecuária. A indústria foi afetada em um primeiro momento, com a perda dos bens de capital, mas se recuperou. A produção caiu em maio, voltou em junho e depois se estabilizou. E o comércio disparou, porque as pessoas precisavam repor seus eletrodomésticos, automóveis, etc. Material de construção, por exemplo, foi um setor que subiu bastante”, explica o economista do

Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), Martinho Lazzari.

A isso, conforme o pesquisador, se somaram as políticas de transferência de renda para pessoas atingidas pelas cheias e recursos injetados em obras de recuperação da infraestrutura — pública e privada. “Isso tudo fez girar bastante a economia. E o PIB do Estado cresceu 4,9% em 2024, um aumento maior do que o do PIB do Brasil”, acrescenta.

Mas 2025 não foi generoso e a participação do Rio Grande do Sul no PIB nacional caiu para 5,9% novamente. “O ano começou bem, as safras de arroz, milho, fumo e uva, foram muito bem, cresceram bem. Só que veio uma estiagem um pouco tardia, que atingiu a soja, que teve uma quebra de 25%. Como é o

principal produto, isso acabou fazendo com que a agropecuária caísse no ano 6,8%, dada a representatividade que esse produto tem no setor. Ao final do ano, crescemos 0,9%, abaixo do Brasil, que cresceu 2,3%”, explica.

A indústria, por outro lado, teve um bom desempenho, mas não foi capaz, sozinha, de segurar a economia. Já o comércio desacelerou, em uma tendência natural após a disparada causada pela necessidade de reposição dos bens atingidos pelas enchentes. Ambos os setores tiveram indicadores semelhantes aos nacionais.

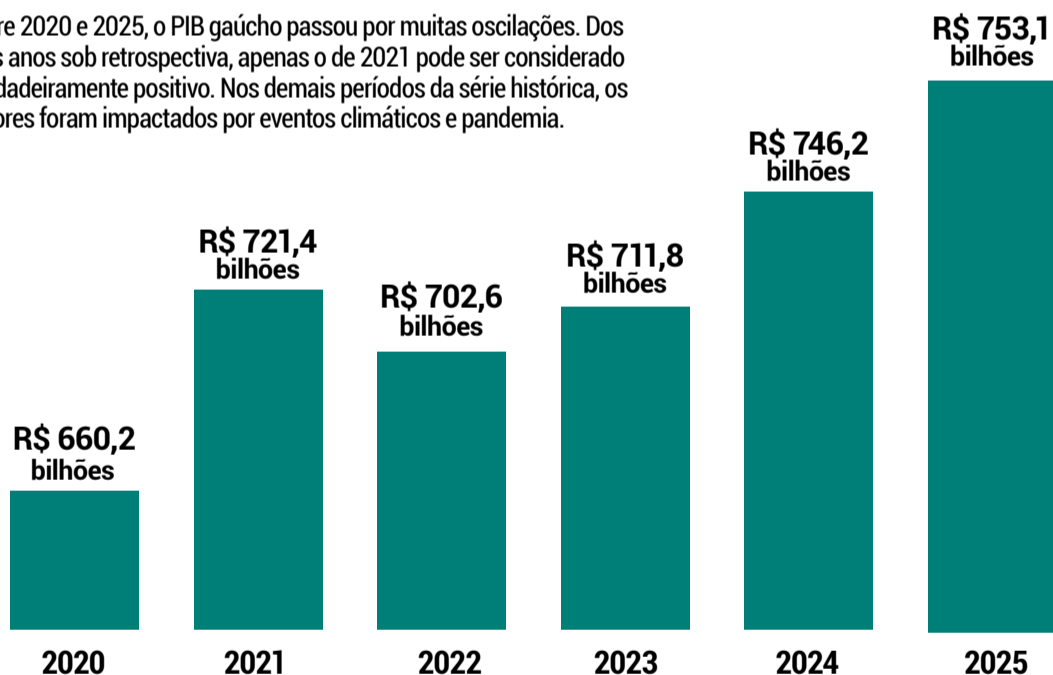
Um desafio que diferentes setores enfrentaram em 2025 foi a imposição de tarifas a produtos brasileiros importados pelos Estados Unidos. Mas, no PIB, as consequências foram menores do que o esperado.

Evolução do PIB* nos anos 2020

Fonte: SPGG-RS/DEE, IBGE

* PIB real (valor a preços constantes)

Entre 2020 e 2025, o PIB gaúcho passou por muitas oscilações. Dos seis anos sob retrospectiva, apenas o de 2021 pode ser considerado verdadeiramente positivo. Nos demais períodos da série histórica, os valores foram impactados por eventos climáticos e pandemia.



A evolução do PIB do Rio Grande do Sul nos anos 2020 (em R\$)

Ano	Valor nominal (a preços correntes)	Valor a preços constantes de 2025 (PIB real)	Variação em relação ao ano anterior
2020	R\$ 470.941.846.049	R\$ 660.227.951.408	-7,2%
2021	R\$ 581.283.677.303	R\$ 721.490.948.672	9,3%
2022	R\$ 593.633.656.208	R\$ 702.644.155.038	-2,6%
2023	R\$ 650.107.022.418	R\$ 711.850.523.402	1,9%
2024	R\$ 715.569.669.894	R\$ 746.262.063.585	4,9%
2025	R\$ 753.193.545.501	R\$ 753.193.545.501	0,9%

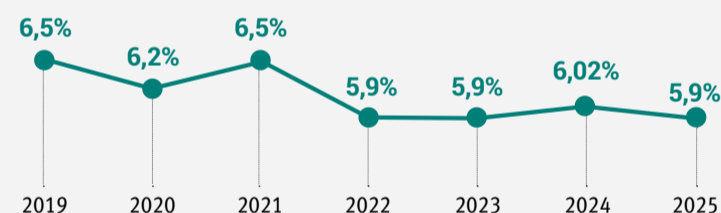
Fonte: SPGG-RS/DEE-RS, IBGE

PIB nominal é o valor total de todos os bens e serviços finais produzidos durante um determinado período (geralmente um ano ou um trimestre), calculado a preços correntes, ou seja, aos preços vigentes no próprio período considerado, sem ajuste pela inflação. Ou seja, PIB nominal e PIB a preços correntes é a mesma coisa.

Valor do PIB a valores constantes (também chamado de PIB real) é o valor ajustado pela inflação. Ou seja, é o PIB calculado com base nos preços de um ano-base fixo, para que se possa medir o crescimento real da economia ao longo do tempo.

Participação do Rio Grande do Sul no PIB do Brasil nos últimos anos

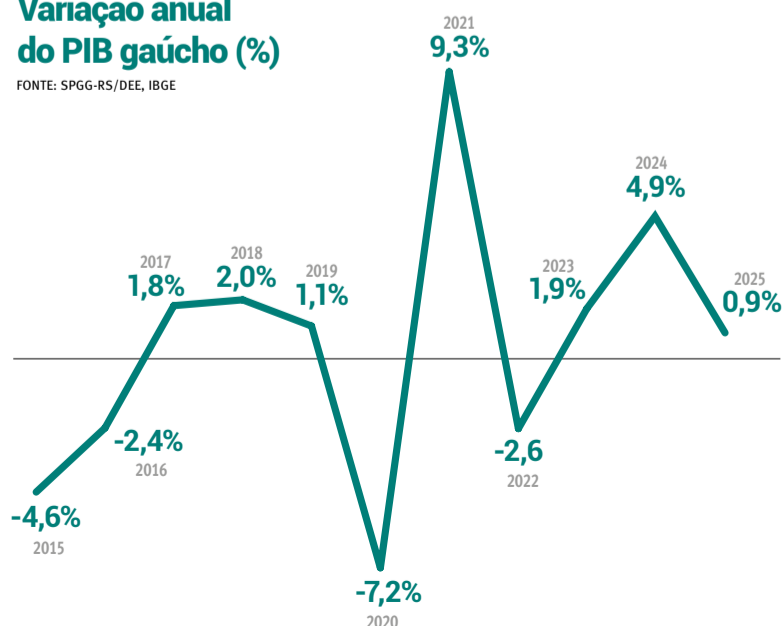
Fonte: SPGG-RS/DEE, IBGE



Os problemas climáticos enfrentados pelo Estado nos últimos anos puxaram para baixo a participação do Rio Grande do Sul no PIB nacional. Nos últimos seis anos, apenas 2021 não teve estiagem ou enchente, o que garantiu safra cheia e alta na atividade econômica, a ponto de o PIB gaúcho recuperar espaço na fatia nacional. Em 2024, a retomada pós-enchente ajudou na recuperação, mas o indicador voltou a recuar no ano seguinte, e fechou 2025 com o mesmo patamar dos anos de 2022 e 2023, abaixo de 6% de representação no PIB do Brasil.

Variação anual do PIB gaúcho (%)

Fonte: SPGG-RS/DEE, IBGE



THE PARK

inspired BY DROR

ÚLTIMO CONDOMÍNIO CLUBE AO LADO DO PARCÃO,
COM INFRAESTRUTURA SURPREENDENTE.

APTOS DE 3 SUÍTES | 141M² A 220M² | PRONTO PARA MORAR



INFRAESTRUTURA DE LAZER COMPLETA PARA TODA A FAMÍLIA

ACQUA E TREEHOUSE PLAYGROUND, BRINQUEDOTECA, ESPAÇO GOURMET ART E NATURE, FITNESS, PISCINA ADULTO E INFANTIL, PISCINA COBERTA AQUECIDA, POOL HOUSE, QUADRA DE TÊNIS DE SAIBRO, QUADRA ESPORTIVA, ROOFTOPS LOUNGES, SALA DE JOGOS E SALÃO DE FESTAS.

LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA, PRÓXIMA AOS PRINCIPAIS HOSPITAIS E ESCOLAS

COLÉGIO ISRAELITA BRASILEIRO | COLÉGIO LEONARDO DA VINCI | COLÉGIO METODISTA AMERICANO
COMPLEXO SANTA CASA | HOSPITAL DE CLÍNICAS | HOSPITAL MOINHOS DE VENTO | INSTITUTO DE CARDIOLOGIA



CYRELA.COM.BR
3092.8600

PRONTO PARA MORAR

RUA CEL. PAULINO TEIXEIRA, 190
JUNTO AO PARCÃO, RIO BRANCO



REPORTAGEM ESPECIAL

Macrorregião da Serra possui o maior PIB per capita do RS

Industrialização, serviços especializados e agropecuária de maior valor agregado explicam disparidades entre as regiões gaúchas

Ana Stobbe

Uma das áreas mais dinâmicas do Rio Grande do Sul, a Macrorregião da Serra tem se desenvolvido intensamente. Concentrando 17,2% do Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho, essa área do Estado também tem atraído população. E a combinação desses fatores, aliada a uma alta produtividade, transforma essa porção do RS na área com o maior PIB per capita do Estado.

Composta pelas Regiões da Serra, Hortênsias, Campos de Cima da Serra, Paranhana e Encosta da Serra e Vale do Caí, a macrorregião se fortalece com base no forte polo metalmeccânico e em atividades de alto valor agregado. É com base nisso que se constrói o indicador.

“A Serra engloba aquela região de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha e Carlos Barbosa, municípios que têm indústrias muito fortes, como a metalmeccânica e a moveleira. São empregos que

geram uma produtividade maior e, conseqüentemente, uma produção e renda maiores. É uma área que tem atraído população exatamente pela oferta de trabalho”, explica o economista e pesquisador do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), Martinho Lazzari.

Ao analisar os Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes), classificação utilizada pelo governo estadual e que divide o território gaúcho em 28 microrregiões, é perceptível a pujança justamente na área onde está a conurbação entre as cidades citadas pelo pesquisador. Afinal, a microrregião Serra é a segunda no ranking do PIB per capita seguindo essa divisão, atrás apenas do Alto Jacuí, na Região Norte do Estado.

Mas não é apenas a Serra que tem apresentado bom desempenho ao dividir o seu PIB pela sua população. “Ao olhar as regiões, é possível traçar uma linha e dividir o Estado, saindo da região de Santa Rosa e chegando na Metropolitana. E essa parte de cima do território é a área mais desenvolvida em termos econômicos e, de certa maneira, sociais também. Por outro lado, as porções Sul, Central e Noroeste do Rio Grande do Sul têm indicadores menores”, analisa

Martinho Lazzari.

Diversos fatores explicam as diferenças entre as macrorregiões gaúchas em termos de PIB per capita, conforme o economista: “Se pegar a agropecuária, a região de Passo Fundo, Cruz Alta e Erechim planta soja, milho e trigo, que são altamente produtivos. Os melhores indicadores também estão em áreas mais industriais do Estado, como Região Metropolitana, Serra, Vale do Taquari, e a porção Norte.

E alguns municípios contam com serviços especializados, de maior valor agregado”, exemplifica.

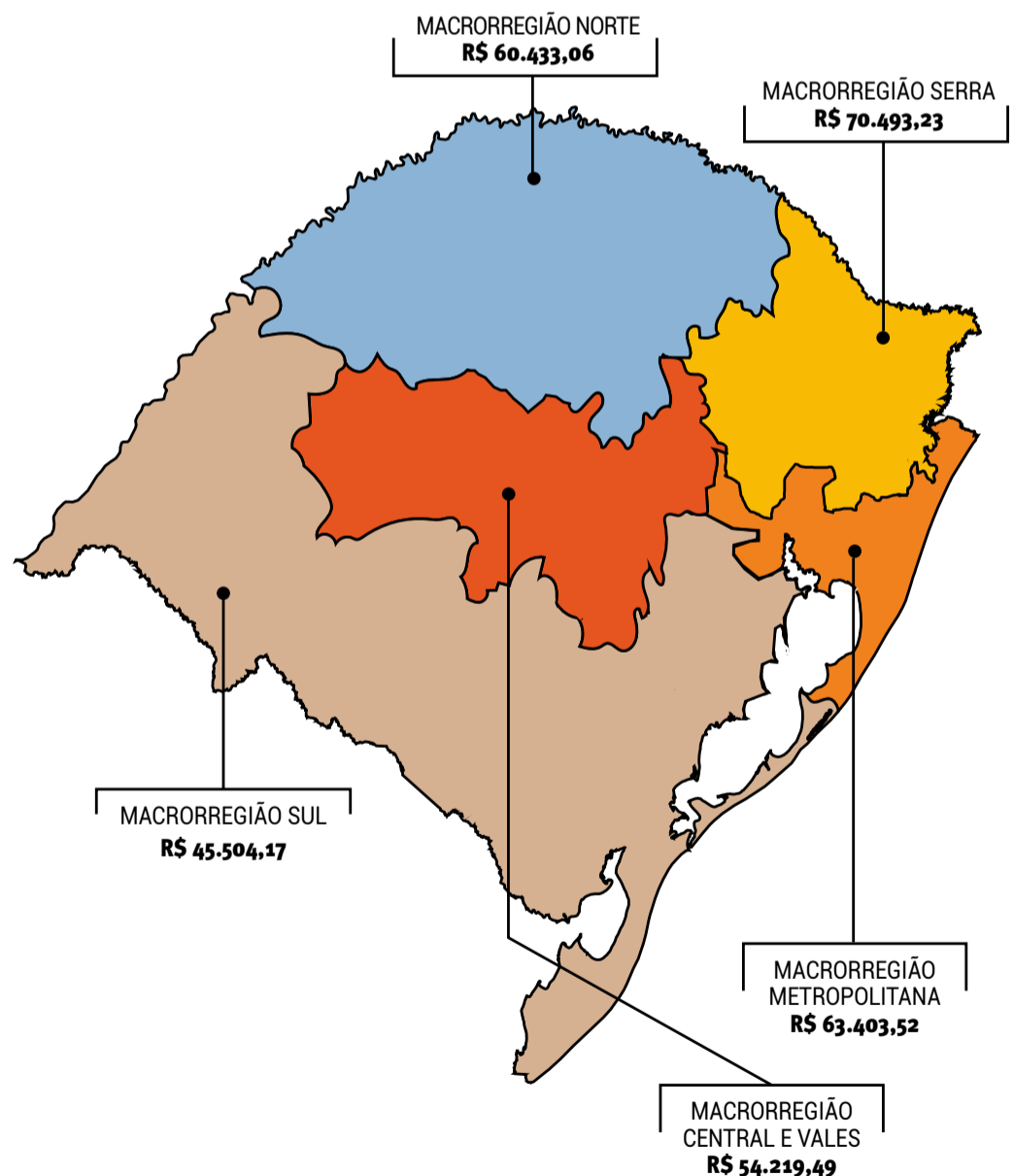
Na equação, é fácil compreender. Crescem as áreas com alta produtividade agrícola e industrial – no caso do Rio Grande do Sul, muitas vezes, como parte de uma mesma cadeia, onde as indústrias estão associadas ao setor primário –, assim como as que se consolidam como polos de oferta de serviços especializados.

Na prática, é difícil vislumbrar um redesenho dessa configuração dos maiores e menores PIBs per capita do Estado, conforme o pesquisador. “Olhando como era a distribuição em 2002, que é o primeiro ano da série histórica, praticamente não mudou. Um ou outro Corede teve mudança de posição. Nesses mais de 20 anos, tivemos a entrada da soja para outras regiões, secas, inundações. A economia não cresceu muito, e fica difícil alguma região crescer acima da média. Se olhar no longo prazo, as diferenças estão meio cristalizadas. Difícilmente você vê algum Corede avançar. Eles evoluem de maneiras diferentes, mas a disparidade tende a se manter”, conjectura Lazzari.

PIB per capita por macrorregião

Valores de 2023, os mais recentes disponíveis

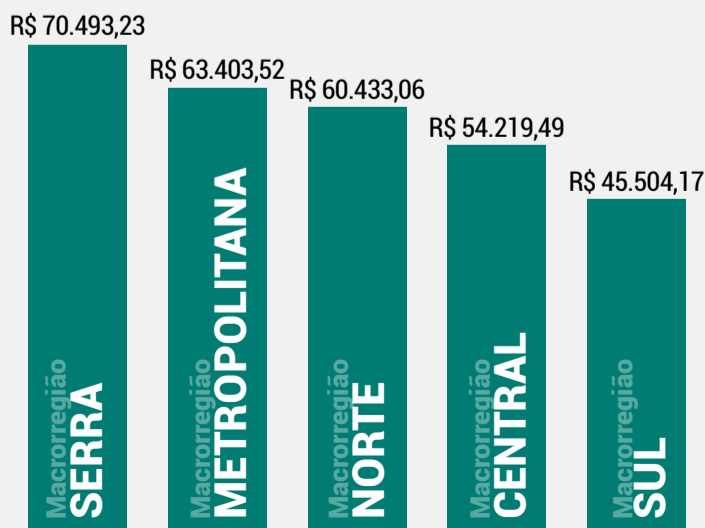
FONTE: SPGG-RS/DEE E IBGE



Ranking do Produto Interno Bruto per capita por macrorregião (dados de 2023)

FONTE: SPGG-RS/DEE E IBGE

A Macrorregião da Serra concentra o maior valor de PIB per capita do Rio Grande do Sul, conforme dados do Departamento de Economia e Estatística (DEE-RS) e IBGE. Desde o início da série histórica, em 2002, a evolução dos valores não alterou a disparidade entre as regiões.



Distribuição do PIB per capita nas macrorregiões do Rio Grande do Sul evidencia valores mais altos nas áreas com maior produtividade agrícola e industrial, assim como aquelas que se consolidam como polos de oferta de serviços especializados. Com cenário consolidado há mais de duas décadas, a tendência observada é de manutenção da configuração dos maiores PIBs per capita do Estado nas macrorregiões da Serra, Metropolitana e Norte, e menores nas macrorregiões Central e Sul.

grupo | **āvel.**

O PRAZO DA SUA RESTITUIÇÃO **ESTÁ CORRENDO**

Quem deixa para depois pode perder o direito. A calculadora exclusiva está disponível, mas o tempo não. Simule agora enquanto ainda é possível.



Escaneie o QR Code ao lado e acesse o **material gratuito.**

*Para quem recebe mais de R\$ 50 mil em dividendos

REPORTAGEM ESPECIAL

Regiões Norte e Metropolitana têm bons indicadores

Área de Porto Alegre e entorno concentra PIB e população; Norte agrega agropecuária e indústria

Ana Stobbe

A Macrorregião Metropolitana é a que concentra as maiores fatias populacionais e econômicas do Estado. Enquanto 37,3% dos gaúchos residem nesta região, conforme os dados do último Censo do IBGE, de 2022, 39,61% do PIB de 2023 estava

nessa faixa que engloba a Região Metropolitana de Porto Alegre, o Vale do Sinos e o Litoral Norte. Mesmo assim, no ranking do PIB per capita, ela não lidera.

“São regiões muito populosas. E as que têm o PIB per capita maior são menos povoadas e, muitas vezes, têm uma alta concentração industrial numa região menor. E é uma parte do Estado que tem municípios muito ricos, como Porto Alegre, Canoas e Novo Hamburgo. Mas outros, como Alvorada e Viamão, têm uma condição bem inferior. Na

média, acaba ficando para trás”, explica Martinho Lazzari, economista e pesquisador do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS).

A Macrorregião Norte ocupa a terceira posição, fruto de sua agropecuária com alto valor agregado, de indústrias ligadas ao setor primário – como a de máquinas e equipamentos – e a consolidação de algumas de suas cidades como polos de serviços especializados. Entretanto, áreas mais próximas à Fronteira Noroeste apresentam indicadores menores.

TÂNIA MEINERZ/JC



Alto Jacuí, com municípios como Não-Me-Toque (foto), é o Corede com o maior PIB per capita do RS

Macrorregiões Sul e Central ainda patinam com baixa industrialização

Quem também varia internamente quanto aos indicadores do PIB per capita embora apresente médias inferiores é a Macrorregião Central. “Teve crescimento nos últimos anos da produção de soja, que desceu das Missões para locais como Santiago e Cachoeira do Sul. Mas é uma região, como um todo, que tem pouca indústria. E, muitas vezes, os serviços qualificados, de maior valor agregado, têm relação com a atividade

industrial”, aponta Martinho Lazzari, do DEE-RS.

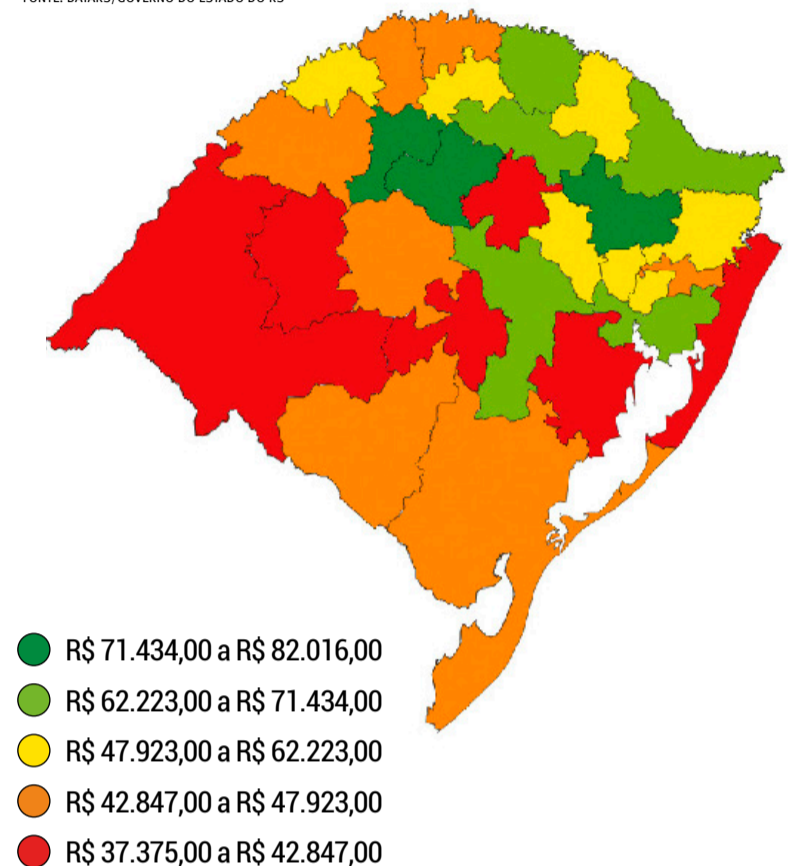
Mas os piores indicadores estão na Macrorregião Sul, composta pelas Regiões Sul, Fronteira Oeste, Campanha e Centro-Sul. “Se pegar a região de Uruguiana, por exemplo, tem indústria. Mas é muito ligada ao beneficiamento de arroz ou de bovinos. São setores industriais que não têm alta produtividade. Se pegar a indústria de alimentos, ela vai ter uma

produtividade bem menor que a metalmeccânica. E isso se traduz em um menor valor agregado”, pontua Lazzari.

Rio Grande e Pelotas, entre as cidades ao Sul, possuem indicadores melhores, por concentrarem indústrias, especialmente as atreladas ao porto localizado na região. Entretanto, Lazzari destaca que há intensas variações na produtividade desses municípios, atreladas às demandas flutuantes do polo naval.

Varição do Produto Interno Bruto per capita nos Coredes - dados de 2023

FONTE: DATARS/GOVERNO DO ESTADO DO RS



Ranking do Produto Interno Bruto (PIB) per capita por Corede (em 2023)

Corede	PIB per capita em 2023
1º Alto Jacuí	R\$ 82.015,99
2º Serra	R\$ 77.883,65
3º Noroeste Colonial	R\$ 71.433,51
4º Produção	R\$ 68.669,78
5º Norte	R\$ 67.985,44
6º Campos de Cima da Serra	R\$ 66.911,26
7º Região Metropolitana	R\$ 64.761,88
8º Vale do Rio Pardo	R\$ 62.223,17
9º Vale do Sinos	R\$ 61.090,03
10º Vale do Caí	R\$ 60.817,94
11º Vale do Taquari	R\$ 60.142,45
12º Nordeste	R\$ 59.787,66
13º Fronteira Noroeste	R\$ 56.558,53
14º Hortênsias	R\$ 56.499,26
15º Campanha	R\$ 47.922,67
16º Rio da Várzea	R\$ 47.493,45
17º Sul	R\$ 46.575,42
18º Missões	R\$ 45.700,84
19º Vale do Paranhana e Encosta da Serra	R\$ 44.835,71
20º Médio Alto Uruguai	R\$ 44.147,23
21º Região Central	R\$ 43.555,54
22º Celeiro	R\$ 42.847,07
23º Alto da Serra do Botucaraí	R\$ 42.054,42
24º Jacuí Centro	R\$ 41.782,75
25º Centro-Sul	R\$ 41.077,89
26º Fronteira Oeste	R\$ 40.088,79
27º Vale do Jaguarí	R\$ 39.302,68
28º Litoral	R\$ 37.374,68
RS	R\$ 57.930,00
Brasil	R\$ 49.157,00

FONTE: DEE-RS/IBGE

**FERNANDES
MACHADO**
business law

Jornal do Comércio
O jornal de economia e negócios do RS

ESTAMOS AO LADO DE QUEM TRANSFORMA O NOSSO ESTADO

A FERNANDES MACHADO BUSINESS LAW É UM ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA EMPRESARIAL QUE APOIA EMPRESAS NA TOMADA DE DECISÕES SEGURAS E ESTRATÉGICAS.

*Superar desafios nos leva
para um futuro melhor*

ACESSE
NOSSO SITE



@FERNANDESEMACHADO



FERNANDES MACHADO BUSINESS LAW



RUA CARLOS GARDEL, 55, BELA VISTA, PORTO ALEGRE, RS

REPORTAGEM ESPECIAL

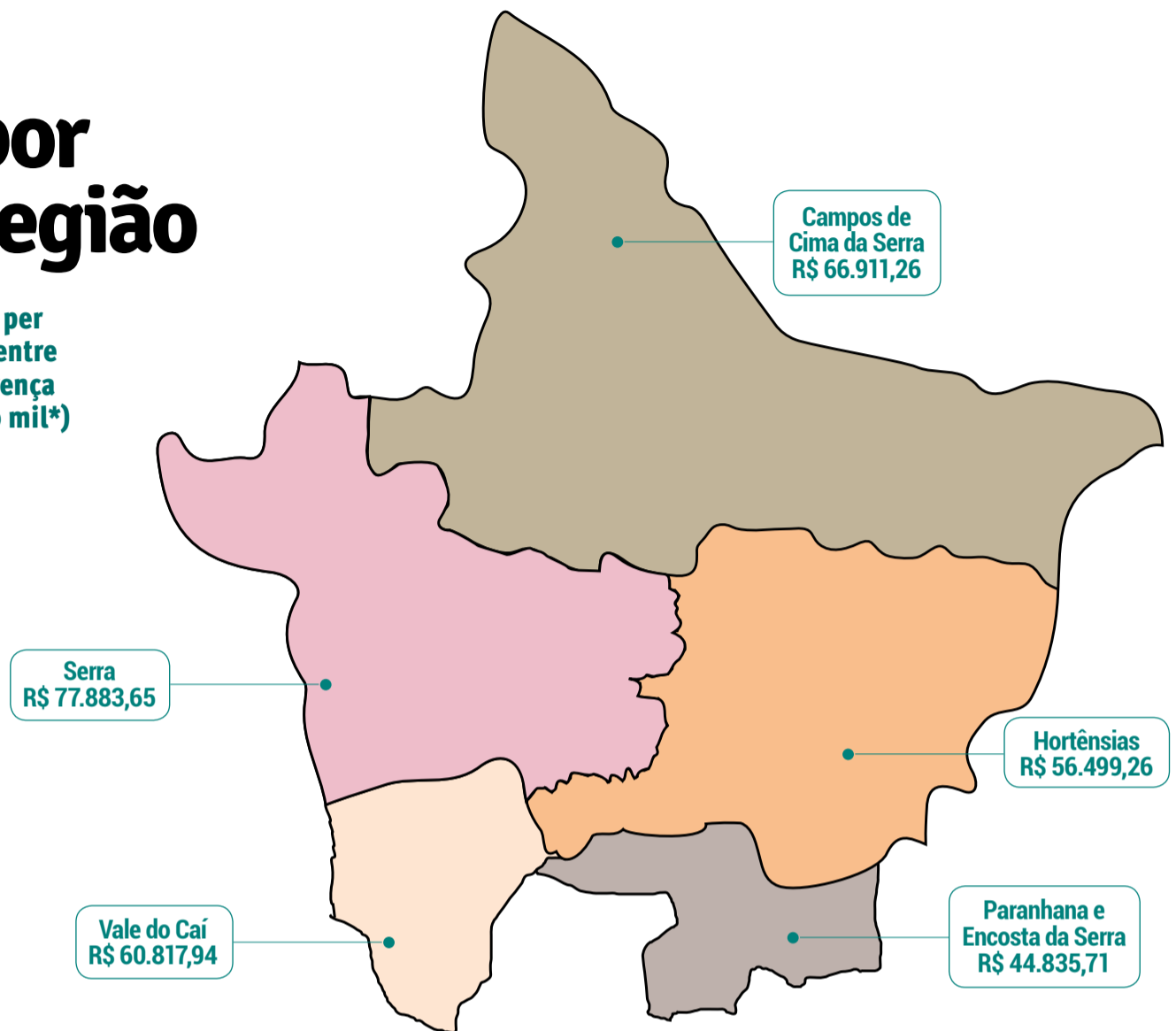
PIB per capita por municípios da região

A Macrorregião da Serra lidera o ranking do PIB per capita no Estado, mas apresenta discrepâncias entre os municípios, passando de R\$ 300 mil de diferença entre o maior valor (Muitos Capões, com R\$ 330 mil*) e o menor valor (Brochier, com R\$ 26,6 mil)

* Valor puxado pela alta produção com valor agregado dividida pela baixa população do município de Muitos Capões (3.180 habitantes).

Serra	PIB per capita
Carlos Barbosa	R\$ 125.413,55
Flores da Cunha	R\$ 107.998,43
Garibaldi	R\$ 103.842,78
Vila Flores	R\$ 103.321,16
Veranópolis	R\$ 99.721,80
Nova Araçá	R\$ 95.836,69
Caxias do Sul	R\$ 81.683,97
Nova Bassano	R\$ 79.288,88
Guabiju	R\$ 75.994,12
Fagundes Varela	R\$ 73.986,01
Bento Gonçalves	R\$ 73.589,32
Antônio Prado	R\$ 71.018,99
São Marcos	R\$ 70.610,77
Farroupilha	R\$ 70.577,65
Paráí	R\$ 67.869,88
Nova Prata	R\$ 60.691,10
Nova Roma do Sul	R\$ 59.628,86
Serafina Corrêa	R\$ 58.281,73
União da Serra	R\$ 54.968,08
Cotiporã	R\$ 53.328,63
Guaporé	R\$ 50.045,00
Monte Belo do Sul	R\$ 49.595,71
Nova Pádua	R\$ 49.459,48
Montauri	R\$ 49.187,95
Boa Vista do Sul	R\$ 48.546,88
Vista Alegre do Prata	R\$ 48.029,48
Protásio Alves	R\$ 46.102,73
São Jorge	R\$ 38.857,73
São Valentim do Sul	R\$ 38.448,90
Coronel Pilar	R\$ 36.187,34
Santa Tereza	R\$ 35.708,89
Pinto Bandeira	R\$ 34.202,82

Paranhana e Encosta da Serra	PIB per capita
Presidente Lucena	R\$ 120.810,49
Igrejinha	R\$ 79.713,31
Lindolfo Collor	R\$ 56.515,46
Morro Reuter	R\$ 50.429,63
Rolante	R\$ 44.747,02
Três Coroas	R\$ 43.732,17
Santa Maria do Herval	R\$ 42.823,51
Riozinho	R\$ 37.060,50
Taquara	R\$ 34.105,46
Parobé	R\$ 33.154,28



Vale do Caí	PIB per capita
Tupandi	R\$ 120.151,94
Montenegro	R\$ 81.767,31
Bom Princípio	R\$ 72.364,87
Barão	R\$ 71.646,97
Alto Feliz	R\$ 66.136,53
Salvador do Sul	R\$ 57.513,58
Harmonia	R\$ 57.073,42
Vale Real	R\$ 49.206,20
Feliz	R\$ 49.155,83
São José do Sul	R\$ 46.854,47
São Vendelino	R\$ 46.784,09
São Sebastião do Caí	R\$ 45.995,08
Linha Nova	R\$ 45.249,14
Maratá	R\$ 42.164,68
Parei Novo	R\$ 36.872,89
São Pedro da Serra	R\$ 34.569,02
São José do Hortêncio	R\$ 33.538,58
Capela de Santana	R\$ 28.313,22
Brochier	R\$ 26.634,21

Hortênsias	PIB per capita
Gramado	R\$ 88.848,11
Picada Café	R\$ 73.528,66
São Francisco de Paula	R\$ 54.907,12
Nova Petrópolis	R\$ 47.365,58
Cambará do Sul	R\$ 43.284,42
Canela	R\$ 40.038,38
Jaquirana	R\$ 27.590,82

Campos de Cima da Serra	PIB per capita
Muitos Capões	R\$ 330.080,63
Esmeralda	R\$ 113.859,47
Pinhal da Serra	R\$ 110.772,20
André da Rocha	R\$ 98.690,21
Campestre da Serra	R\$ 73.041,98
Ipê	R\$ 72.776,89
Vacaria	R\$ 57.655,85
Bom Jesus	R\$ 52.972,91
São José dos Ausentes	R\$ 42.468,17
Monte Alegre dos Campos	R\$ 36.808,53

Ranking de maiores PIB per capita da Macrorregião da Serra

Cidade	PIB per capita
1º Muitos Capões	R\$ 330.080,63
2º Carlos Barbosa	R\$ 125.413,55
3º Presidente Lucena	R\$ 120.810,49
4º Tupandi	R\$ 120.151,94
5º Esmeralda	R\$ 113.859,47
6º Pinhal da Serra	R\$ 110.772,20
7º Flores da Cunha	R\$ 107.998,43
8º Garibaldi	R\$ 103.842,78
9º Vila Flores	R\$ 103.321,16
10º Veranópolis	R\$ 99.721,80

A nova era do atendimento público: como a Elevcode transforma a relação entre prefeituras e cidadão

ELEVCODE/ DIVULGAÇÃO/ JC

Com a plataforma AtendeCidadão e o uso de inteligência artificial, a Elevcode, liderada por William Ricaldes, propõe um novo modelo de gestão pública digital, centrado no cidadão.

Por muitos anos, o acesso a serviços públicos no Brasil foi marcado por filas, papeladas e processos lentos. A Carta de Serviços ao Cidadão, embora criada para garantir transparência, permaneceu restrita a documentos estáticos, distantes da realidade digital exigida pela sociedade.

Com a promulgação da Lei do Governo Digital (Lei 14.129/2021), o País estabeleceu um novo marco: os serviços públicos devem ser, por padrão, digitais, integrados e orientados ao cidadão. É nesse contexto que a Elevcode atua, com a proposta de transformar essa diretriz em prática.

Muito além da digitalização

A transformação digital no setor público vai além da simples disponibilização de serviços online. Ela exige integração entre sistemas, automação de processos e inteligência para lidar com a complexidade da gestão pública.

A Elevcode desenvolveu o AtendeCidadão, uma plataforma que não apenas digitaliza a Carta de Serviços, mas a converte em uma operação dinâmica, integrada e automatizada. A solução conecta secretarias, sistemas e cidadãos em um único ambiente.

Segundo o CEO William Ricaldes, enquanto outras ferramentas se limitam à criação de portais, a proposta do AtendeCidadão é resolver a demanda do cidadão de forma direta. "O cidadão não quer saber qual secretaria é responsável. Ele quer resolver sua necessidade com rapidez e sem complicações", afirma. A plataforma organiza e gerencia todo o fluxo de atendimento de forma integrada.



Tecnologia e inteligência artificial redefinem o acesso aos serviços públicos no Brasil

Impactos na prática

Na prática, o que antes era um documento informativo passa a ser um portal dinâmico de serviços. A solução também funciona como um sistema de protocolos digitais com acompanhamento em tempo real, uma central unificada de atendimento ao cidadão e um ambiente integrado entre diferentes órgãos e CNPJs, com rastreabilidade, transparência e eficiência operacional.

Inteligência artificial como diferencial

Um dos principais diferenciais do AtendeCidadão está na aplicação de agentes de inteligência artificial que atuam nos bastidores da operação. Esses agentes são capazes de atender automaticamente solicitações, classificar e encaminhar demandas, identificar pendências, solicitar documentos, monitorar prazos e contribuir para o cumprimento de acordos de nível de serviço (SLAs).

De acordo com Ricaldes, a tecnologia não substitui o trabalho do servidor público, mas o potencializa. "Enquanto a máquina cuida das tarefas repetitivas e operacionais, o servidor pode se concentrar em atividades que exigem julgamento humano", destaca. O resultado, segundo ele, é a redução da sobrecarga e o ganho de agilidade.

Gestão orientada por dados

A plataforma também oferece uma visão estratégica da operação pública, com indicadores como tempo médio de atendimento por serviço, identificação de gargalos por secretaria, volume de demandas por região e métricas de eficiência e produtividade. Trata-se de uma nova camada de governança baseada em dados.

O cidadão no centro

Para a Elevcode, a principal transformação não é apenas tecnológica, mas cultural. O cidadão deixa de ser

um agente passivo e passa a ocupar o centro da experiência. Com acesso digital, acompanhamento transparente e respostas mais rápidas, a relação com o poder público tende a se tornar mais eficiente e acessível.

Sobre o AtendeCidadão

O AtendeCidadão é a solução desenvolvida pela Elevcode para prefeituras que buscam atender às exigências da Lei do Governo Digital sem a necessidade de grandes investimentos em infraestrutura. A plataforma unifica o atendimento ao município em um único canal digital, integra secretarias e sistemas legados, utiliza agentes de inteligência artificial para classificação e encaminhamento automático de demandas, disponibiliza painéis de indicadores em tempo real e garante rastreabilidade completa dos protocolos.

Segundo a empresa, a ferramenta já foi implementada em cidades de dife-

rentes portes, com resultados como a redução de até 65% no tempo de resposta e aumento na satisfação dos cidadãos.

Um caminho sem volta

A digitalização do atendimento público deixou de ser uma tendência para se tornar uma exigência legal, operacional e social. Prefeituras que avançam nesse processo não apenas cumprem a legislação, como também elevam o padrão de serviço prestado à população.

Sobre a Elevcode

A Elevcode é uma empresa de tecnologia especializada no desenvolvimento de plataformas digitais e agentes de inteligência artificial, com foco na transformação da gestão pública e na modernização do atendimento ao cidadão. Sob a liderança de William Ricaldes, a companhia vem se consolidando como referência em soluções de governo digital no Brasil.

TRABALHO

Emprego formal na Macrorregião da Serra: aumento de apenas 0,01% em 2025

Região teve baixa variação no número de vagas de trabalho ativas em janeiro de 2025 comparado ao mesmo mês de 2026

Ana Stobbe

Conhecida por ser a segunda macrorregião com mais pessoas empregadas no Rio Grande do Sul, atrás apenas da Metropolitana, a Serra não teve um crescimento visível no número de empregos formais ao longo de 2025.

Afinal, ao comparar o mês de janeiro do ano passado com o mesmo mês de 2026, a variação no número de vagas de trabalho ativas foi de apenas 0,01%, conforme dados do Novo Cadastro

Geral de Empregados e Desempregados (Caged). A indústria, principal segmento dessa parte do território gaúcho, por sua vez, teve uma queda de 1,3%.

"Enquanto a Serra perdeu 1,3% dos empregos na indústria, o Estado teve uma variação próxima a zero. Foi uma ênfase setorial que pesou mais lá do que em outras regiões. No Norte do Estado, o crescimento foi de 4%, enquanto outros locais se aproximaram da média estadual. Se pegar 2020 a 2026, no período de seis anos o Rio Grande do Sul cresceu 9,9% em

A Macrorregião da Serra tem um estoque de

542 mil
empregos formais

empregos na indústria, e a Serra ficou bem perto, com 9,8%. Já o Norte se destacou de novo, com 26,4%", analisa o pesquisador do Departamento de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (DEE-RS), Guilherme Xavier Sobrinho.

Uma explicação para isso, conforme o especialista, pode ser a desaceleração em atividades de construção civil ligadas à recuperação de infraestruturas afetadas pelas enchentes de 2024. Isso porque o segmento está englobado dentro das atividades industriais.

"Houve muito crescimento para responder às necessidades de reconstrução e depois isso retraiu no Estado. Pode ser que esse desempenho, em algumas dessas regiões, tenha a ver com o comportamento do setor", avalia.

A distribuição de emprego nas regiões do RS

Macrorregião	Vínculos ativos em janeiro de 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Centro	325.190	328.630	1,06%
Metropolitana	1.215.423	1.233.683	1,50%
Norte	470.355	482.026	2,48%
Serra	542.781	542.864	0,01%
Sul	307.722	310.788	1,00%
Total	2.861.471	2.897.946	1,27%

FONTE: NOVO CAGED

Top 10 entre municípios da Macrorregião Serra

Cidade	Vínculos ativos em janeiro de 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
1. Caxias do Sul	170.956	170.965	0,005%
2. Bento Gonçalves	45.387	45.788	0,88%
3. Farroupilha	27.144	27.409	0,97%
4. Vacaria	26.828	25.976	-3,17%
5. Gramado	19.631	20.946	6,69%
6. Montenegro	20.388	20.507	0,58%
7. Garibaldi	16.728	16.856	0,76%
8. Parobé	15.451	15.558	0,69%
9. Carlos Barbosa	14.238	14.496	1,81%
10. Flores da Cunha	14.292	13.420	-6,10%

FONTE: NOVO CAGED

Jornal do Comércio

CONTEÚDO, ANÁLISES E PODCASTS.

**TUDO AO SEU ALCANCE,
NO SEU TEMPO.**

Baixe o App e conecte-se à informação
com apenas um clique!



JC | 92 ANOS



Investir em coleta e tratamento de esgoto é valorizar a vida.



OBRA DE REDE DE ESGOTO



ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ESGOTO



EFLUENTE BRUTO X TRATADO

Saneamento não é apenas infraestrutura, é dignidade.

A Corsan já está em ação com o maior plano de investimento em obras de saneamento da história do estado. Chega de destratar o meio ambiente, as nossas cidades e a nossa saúde: é hora de tratar o esgoto para transformar essa realidade e construir o futuro que todos os gaúchos merecem.



Nossa natureza
movimenta *o Rio Grande.*

Serra

Cidade	Vínculos ativos em janeiro de 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Caxias do Sul	170.956	170.965	0,005%
Bento Gonçalves	45.387	45.788	0,88%
Farroupilha	27.144	27.409	0,97%
Garibaldi	16.728	16.856	0,76%
Carlos Barbosa	14.238	14.496	1,81%
Flores da Cunha	14.292	13.420	-6,10%
Nova Prata	8.160	8.034	-1,54%
São Marcos	7.978	7.996	0,22%
Guaporé	8.489	7.721	-9,04%
Veranópolis	7.354	7.548	2,63%
Serafina Corrêa	6.405	6.386	-0,29%
Antônio Prado	3.899	3.910	0,28%
Nova Bassano	3.679	3.599	-2,17%
Paráí	3.059	3.116	1,86%
Nova Araçá	1.791	1.953	9,04%
Vila Flores	1.352	1.423	5,25%
Cotiporã	850	857	0,82%
Boa Vista do Sul	609	686	12,64%
Pinto Bandeira	595	540	-9,24%
Monte Belo do Sul	708	486	-31,35%
Nova Pádua	505	481	-4,75%
Fagundes Varela	456	463	1,53%
Nova Roma do Sul	492	445	-9,55%
São Valentim do Sul	378	407	7,67%
São Jorge	359	319	-11,14%
Montauri	281	312	11,03%
Protásio Alves	291	276	-5,15%
Guabijú	211	213	0,94%
Coronel Pilar	213	191	-10,32%
Santa Tereza	185	144	-22,16%
Vista Alegre do Prata	132	141	6,81%
União da Serra	103	84	-18,44%

FONTE: NOVO CAGED

Campos de Cima da Serra

Cidade	Vínculos ativos em janeiro de 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Vacaria	26.828	25.976	-3,17%
Bom Jesus	3.735	3.609	-3,37%
Ipê	1.252	1.215	-2,95%
São José dos Ausentes	1.066	1.078	1,12%
Muitos Capões	891	954	7,07%
Esmeralda	456	439	-3,72%
Campestre da Serra	410	397	-3,17%
Monte Alegre dos Campos	246	248	0,81%
Pinhal da Serra	206	212	2,91%
André da Rocha	212	201	-5,18%

FONTE: NOVO CAGED

Os **Campos de Cima da Serra** tiveram uma baixa de 2,76% no número de vínculos formais ativos. Entretanto, olhando em perspectiva, é uma região que tem crescido nos últimos seis anos, representando o maior percentual de aumento no número de empregos entre os Coredes que compõem este capítulo do Mapa Econômico do RS, de 28%. Nessa região, o grande destaque foi para Vacaria, que perdeu 852 vagas de janeiro de 2025 a janeiro de 2026.

Mesmo com as perdas, a Microrregião **Serra** ainda tem uma grande participação na geração de vagas de trabalho no setor industrial do Estado. Conforme estimativa do DEE-RS para 2025, a Macrorregião concentrava 13,6% do total da população gaúcha; entre os empregos formais o percentual subia, em janeiro de 2026, a 18,7%. Mas, analisando os vínculos ativos na indústria, 32,5% dos empregados na área estavam nessa região. A perda de empregos industriais ficou focada principalmente em Flores da Cunha, com Caxias do Sul estável e avanço em Carlos Barbosa e Farroupilha. O Corede, como um todo, perdeu 0,18% dos vínculos de trabalho.

Vale do Caí

Cidade	Vínculos ativos em janeiro de 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Montenegro	20.388	20.507	0,58%
São Sebastião do Caí	6.665	6.786	1,81%
Bom Princípio	5.708	5.753	0,78%
Feliz	3.636	3.665	0,79%
Tupandi	3.269	3.484	6,57%
Salvador do Sul	2.281	2.405	5,43%
Barão	1.845	1.881	1,95%
Harmonia	1.493	1.538	3,01%
Vale Real	1.489	1.335	-10,34%
Capela de Santana	1.170	1.019	-12,90%
São José do Hortêncio	816	867	6,25%
Alto Feliz	725	744	2,62%
Pareci Novo	699	701	0,28%
São Pedro da Serra	704	698	-0,85%
Brochier	696	683	-1,86%
São Vendelino	574	559	-2,61%
São José do Sul	355	402	13,23%
Maratá	214	268	25,23%
Linha Nova	159	131	-17,61%

FONTE: NOVO CAGED

O Vale do Paranhana e Encosta da Serra

caiu 0,4% no número de vagas na comparação interanual e cresceu, nos últimos seis anos, 8,5% – menor indicador entre todos os Coredes do Estado no período. Presidente Lucena e Rolante cresceram na geração de emprego; Igrejinha e Três Coroas reduziram o número de pessoas na formalidade.

Hortênsias

Cidade	Vínculos ativos em janeiro de 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Gramado	19.631	20.946	6,69%
Canela	10.258	10.664	3,95%
Nova Petrópolis	6.289	6.299	0,15%
São Francisco de Paula	5.553	5.446	-1,92%
Picada Café	1.985	1.691	-14,81%
Cambará do Sul	1.250	1.180	-5,6%
Jaquirana	624	673	7,85%

FONTE: NOVO CAGED

A **Região das Hortênsias** foi a que mais gerou empregos no período de um ano, com um crescimento de 2,87% no número de vagas de trabalho formais. Ao todo, foram quase 1,3 mil apenas em Gramado, sua principal cidade, um valor bastante superior ao de outros municípios serranos. Na cidade, o crescimento se concentrou em quatro segmentos, conforme o DEE-RS: alimentação, atividades de atenção à saúde humana, alojamento e serviços para edifícios e atividades paisagísticas. Em suma, o que cresceu, longe de ser a indústria, foram os serviços – que são o carro-chefe da economia das Hortênsias.

O **Vale do Caí** teve um leve crescimento, de 1,02%. No acumulado de seis anos, também performou positivamente, aumentando 13,1% dos seus vínculos formais no mercado de trabalho. Alguns municípios da região, como Capela de Santana e Vale Real, tiveram redução na geração de empregos. Mas, no total, foram compensados por outros que cresceram consideravelmente, como Montenegro, Salvador do Sul e Tupandi.

Paranhana e Encosta da Serra

Cidade	Vínculos ativos em janeiro de 2025	Vínculos ativos em janeiro de 2026	Variação
Parobé	15.451	15.558	0,69%
Igrejinha	12.447	12.056	-3,14%
Taquara	10.438	10.255	-1,75%
Rolante	7.004	7.255	3,58%
Três Coroas	7.129	6.914	-3,01%
Presidente Lucena	2.499	2.648	5,96%
Lindolfo Collor	2.079	2.173	4,52%
Morro Reuter	1.739	1.755	0,92%
Sta. Maria do Herval	1.636	1.595	-2,50%
Riozinho	1.302	1.336	2,61%

FONTE: NOVO CAGED



EDIÇÃO CENTRO

É AMANHÃ

15 / 04



CACHOEIRA DO SUL
Sociedade Rio Branco
Rua Ernesto Alves, 514 - Rio Branco

QUARTA-FEIRA

Horário: 17h

Realização

Jornal do Comércio

O jornal de economia e negócios do RS

Apoio

Media partner



RECORD
GUAÍBA



Patrocínio:



DEMOGRAFIA

Rio Grande do Sul deverá começar a perder população a partir de 2027

Transição demográfica está mais acelerada no RS do que em outros estados do Brasil

Ana Stobbe

ana.stobbe@jcrs.com.br

A população brasileira está envelhecendo. Em um cenário no qual mulheres têm menos filhos e a longevidade cresce, a tendência é de que o número de moradores comece a diminuir. Essa realidade está mais acentuada no Rio Grande do Sul, que concentra 19 das 20 cidades brasileiras com mais idosos, conforme o último Censo do Instituto Brasileiro

de Geografia e Estatística (IBGE), de 2022. Entre os gaúchos, o número de habitantes deverá começar a cair já em 2027, enquanto, no nível nacional, a projeção é de que isso aconteça apenas em 2042.

Um dos principais motivos é a queda nas taxas de fecundidade — ou seja, a média de filhos para cada mulher. A redução é fruto de variáveis como o aperfeiçoamento e a disseminação de métodos contraceptivos, aliada ao aumento da escolaridade.

“O pico de nascimentos foi na década de 1980, uma geração que teve uma quantidade maior de pessoas e que entrou em idade reprodutiva até o início dos anos 2000. Nessa época, as mulheres já estavam

tendendo a ter menos filhos, mas tinha essa crescente de mulheres chegando na idade reprodutiva, o que compensava um pouco a queda de fecundidade. Mas chegamos ao contexto atual, em que já reduziu o número de mulheres chegando à idade reprodutiva aliado à queda das taxas de fecundidade”, explica o gerente de projeções e estimativas do IBGE, Márcio Mitsuo Minamiguchi.

Atualmente, as regiões Sul e Sudeste do Brasil têm os indicadores mais baixos do País, incluindo as maiores idades médias em que as mulheres se tornam mães. No Rio Grande do Sul, em 2010, as gaúchas tinham seus filhos, em média, aos 27,8 anos. Em 2022, aos 29 anos, a

segunda maior média do País, abaixo apenas do Distrito Federal (29,3 anos).

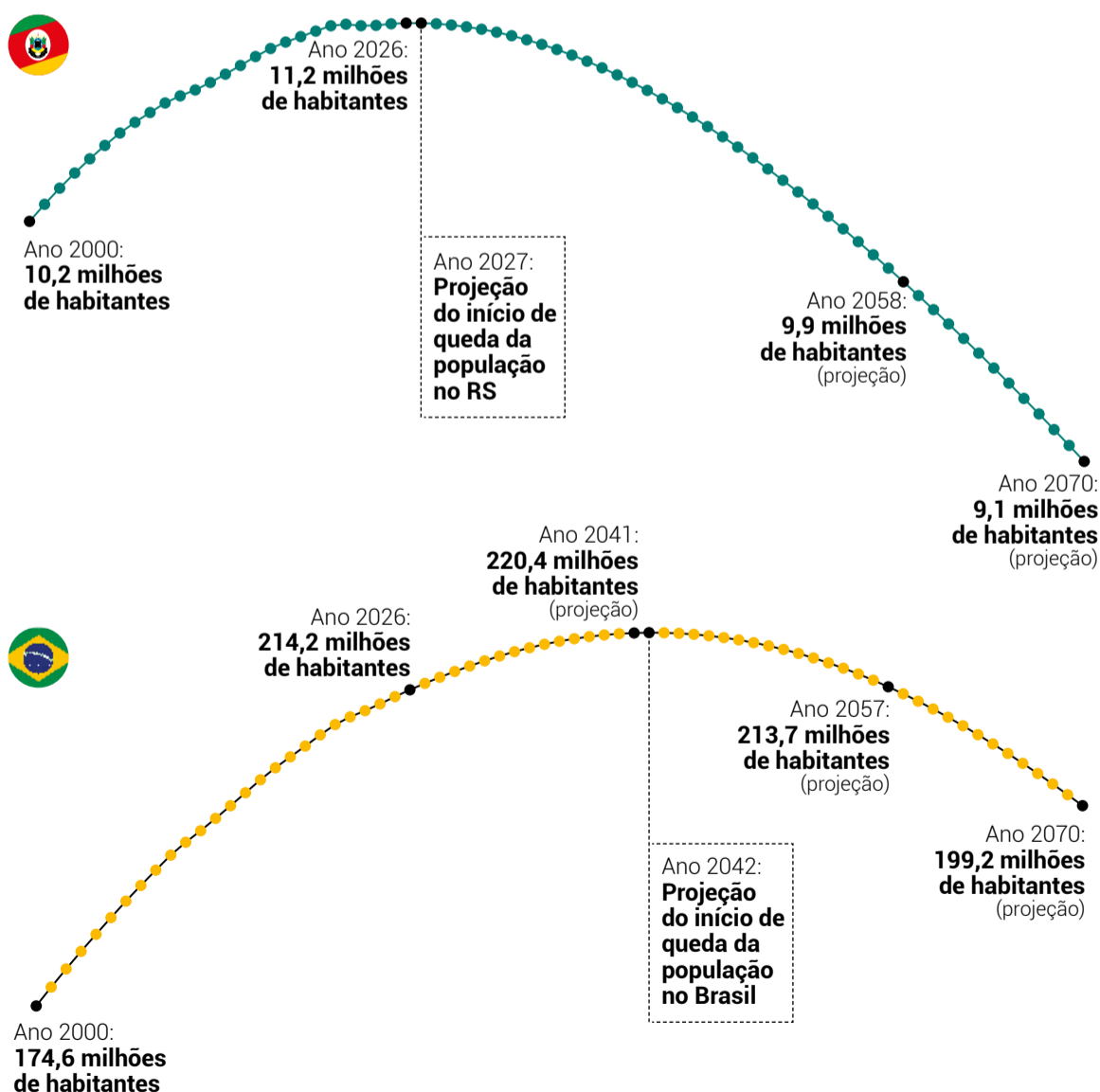
A isso, soma-se um problema: um alto índice de gaúchos deixando o Estado, movimento que não é compensado pela chegada de novos residentes. “Quando ainda existia uma diferença grande entre o total de nascimentos e o total de óbitos, mesmo perdendo população por migração, ainda a população crescia. Agora, como essa diferença vem se estreitando, a capacidade de manter o crescimento, mesmo com saldo migratório negativo, tem diminuído”, acrescenta Minamiguchi.

O Rio Grande do Sul possui mais emigrantes do que imigrantes, com um saldo migratório negativo

de -77.839 habitantes no Censo de 2022. Conforme o IBGE, a taxa líquida de migração, que mede a parcela populacional que um local perdeu ou ganhou pelos movimentos migratórios, foi de -0,72%.

“Todos os cenários preveem um saldo migratório negativo para o Rio Grande do Sul. E o efeito das enchentes também não foi de atrair moradores. Esse tipo de crise pode atrair mão de obra em um primeiro momento, para a construção civil, por exemplo. Eventualmente, uma ou outra pessoa fica, mas, nesse contexto, é bem difícil. É como aconteceu no Rio de Janeiro, na época das obras das Olimpíadas de 2016. Em geral, é temporário”, avalia Minamiguchi.

Evolução e projeção da população no RS e no Brasil



Pico populacional do Rio Grande do Sul será atingido em 2026 e número de habitantes no Estado começará a cair a partir de 2027, projeta o IBGE. No Brasil, o auge da população está previsto para 2041, com queda a partir do ano seguinte. Até o ano 2070, a estimativa é que a população gaúcha terá caído para 9,1 milhões de habitantes, dois milhões a menos que o patamar atual.

Atrair moradores e preparação para as mudanças climáticas são desafios do RS

A atratividade de novos moradores, buscando mitigar, em partes, a redução populacional, tem um viés econômico. Afinal, com menos pessoas em idade ativa no mercado de trabalho, a escassez de mão de obra, já enfrentada em diversos segmentos das matrizes produtivas gaúchas, deverá se agravar. E, além disso, a produtividade tende a cair.

Mas trazer novos residentes e manter os atuais em solo gaúcho é um desafio e tanto. Não apenas as enchentes repeliram pessoas do Estado, como sucessivas estiagens frustraram safras inteiras, fizeram o Rio Grande do Sul perder participação na economia brasileira e, como clima, economia e crescimento demográfico são variáveis que se relacionam, o RS passou a perder ainda mais residentes.

“O Rio Grande do Sul é o segundo Estado com mais incidência de secas graves, dado do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), desde 1990. Se a gente pega 85% do território, ou seja, excluindo as regiões Metropolitana, Serra e Litoral, é a região do Brasil com a maior incidência de secas nos últimos 40 anos. E, quando olhamos para os fluxos migratórios dessas regiões afetadas, eles são negativos justamente pela recorrência de secas. Então, diria que sim, o fenômeno climático das secas é uma explicação da perda de população, principalmente no Interior”, avalia o economista Aod Cunha.

Para o especialista, é preciso dar

conta cada vez mais dessa correlação para pensar em um crescimento econômico. “Do ponto de vista dos efeitos climáticos, o Estado precisa avançar no tema de irrigação, armazenamento e reserva d’água em escala maior, principalmente no Interior. Porque quando se tem uma seca, tem também uma destruição de renda não só da agricultura, mas do comércio, dos serviços, e uma perda de oportunidades”, acrescenta.

A partir disso, surgem outros desafios. Afinal, será preciso reter a juventude e atrair novos moradores em idade de trabalho para dar conta da produção no Estado, seja na agropecuária, nos serviços ou na indústria. E, além da questão climática, outros fatores precisam ser levados em consideração.

“É necessário fazer com que o Rio Grande do Sul tenha melhor qualidade de vida de maneira geral, principalmente para os jovens, avançando em áreas como educação, saúde, segurança e entretenimento. É necessário melhorar essa atratividade. Tem alguns lugares que têm conseguido fazer isso, como o Uruguai”, avalia Aod.

A receita, conforme o economista, é evidente: “É uma combinação de duas vertentes, uma econômica, ou seja, irrigação e geração de empregos, e outra de oferta de serviços que melhorem a qualidade de vida e gerem uma percepção do jovem querer ficar porque a vida vai acontecer nesse lugar onde ele vai estar”, conclui.

Estado precisará desenvolver políticas públicas para a transição demográfica



TÂNIA MEINERZ/JC

Mudança no perfil demográfico desafia governos a repensar atendimento à população

Com a mudança no perfil demográfico, as demandas populacionais também mudam. Um menor volume de jovens em comparação com o de idosos, o que já é visível em diferentes cidades gaúchas, faz com que os gestores públicos lancem outros olhares para as políticas desenvolvidas em cada local.

“A idade é um fator bem determinante para a questão de políticas públicas. Se a população for formada por crianças, é um tipo de demanda, se for de idosos, é outra. Sempre vão existir esses diferentes segmentos, mas o peso de cada um muda a partir da composição dessa população. E os gastos são diferentes também para cada faixa etária”, explica Márcio Mitsuo Minamiguchi, do IBGE.

O economista Aod Cunha já observa, nos últimos anos, essa mudança. “A gente tem uma conta de previdência pior. E tem efeitos na área da saúde, vamos ter uma pressão maior por demandas no

campo da saúde pública, porque a população, quando envelhece, demanda mais por esses serviços. Por outro lado, estamos passando por um processo de diminuição da demanda de escolas, porque diminuiu a proporção de crianças em idade escolar no ensino básico. Com uma quantidade menor de crianças para serem atendidas, dá para investir mais em qualidade. São dois exemplos, educação e saúde, que são afetados por esse movimento demográfico”, avalia.

Em alguns municípios, essas questões já são prioridade. É o caso de Veranópolis, na Serra, conhecida como “terra da longevidade” desde a década de 1990, quando o Atlas do Desenvolvimento Humano, da Organização das Nações Unidas (ONU) apontou uma expectativa de vida na cidade bastante superior à do Brasil. À época, em Veranópolis, as pessoas poderiam esperar viver até os 71,59 anos; nacionalmente a tendência era de 63,3 anos.

EMPRESAS QUE PENSAM NO FUTURO FORMAM TALENTOS HOJE

O CIEE-RS CONECTA EMPRESAS A JOVENS EM FORMAÇÃO,
FORTALECENDO EQUIPES E O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL.

Estágio e Aprendizagem
com gestão estruturada

Apoio especializado
para empresas

Formação prática
conectada ao mercado



Conecte sua empresa ao CIEE-RS.
Escaneie e divulgue suas vagas na Conjuntos.



@ciee_rs



@ciee-rs



@cieers



CIEE_RS



@cieers

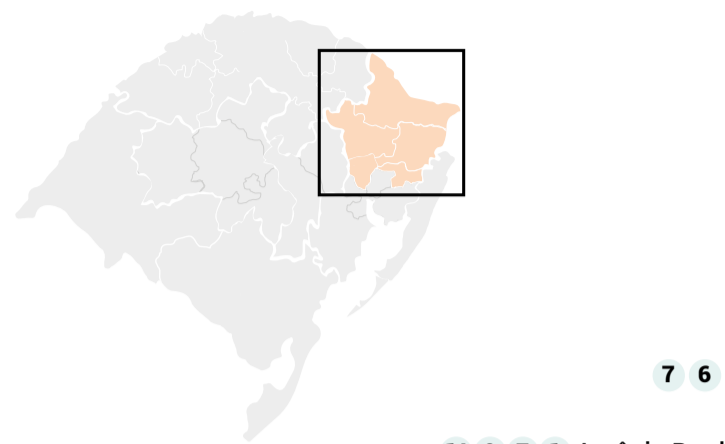


PANORAMA

Um mapa de oportunidades para a Macrorregião da Serra

Ana Stobbe, Eduardo Torres e Gabrieli Silva

Conheça 15 iniciativas que já se destacam entre as atividades econômicas ou têm projetos com potencial de alavancar o desenvolvimento dessa parte do Rio Grande do Sul. Região concentra importantes setores da indústria gaúcha, com investimentos constantes, e segue avançando em serviços, especialmente voltados ao turismo e à vitivinicultura.



14 8 7 1 Antônio Prad



8 7 4 São Sebastião do Caí

1

Espumantes, vinhos e sucos com a marca da Serra Gaúcha

Com a abertura de mercados após o acordo Mercosul - União Europeia, indicações geográficas e denominações de origem ganham valorização, impulsionando espumantes, vinhos finos e sucos de uva. A Serra Gaúcha é pioneira. São seis regiões produtoras já reconhecidas com este selo de origem. O setor enfrenta ainda um desafio na concorrência com vinhos estrangeiros nas prateleiras, mas aposta em diferenciais, como a qualidade dos sucos produzidos aqui em relação aos europeus.



2

Modernização e novos mercados para o setor metalmeccânico

Com a queda do tarifaço dos EUA e a concretização do acordo Mercosul - União Europeia, a Serra, que concentra o maior polo metalmeccânico do RS, prospecta a retomada de volumes expressivos de exportações de produtos prontos, a abertura de novos mercados e, sobretudo no segmentos de usinagem, ferramentaria e maquinário, abre-se a possibilidade de modernização do parque industrial, com a redução nos custos e importação de máquinas europeias.



3

Polo calçadista expande mercados

O Rio Grande do Sul responde por 33% das exportações brasileiras de calçados. E o momento é, justamente, de expandir os horizontes do calçado gaúcho em novos ou consolidados mercados externos. As Regiões do Vale do Paranhana, Serra e Hortênsias concentram quase um quarto da produção gaúcha, e têm como especialidade os calçados em couro, com marcas valorizadas no mercado, tendo a economia circular como um diferencial em relação a outros países produtores.



4

Dos clientes internacionais ao galetto primo canto

Passadas as crises provocadas pela Newcastle e a Gripe Aviária, o setor aviário gaúcho retomou seu espaço no exterior, inclusive com a reabertura das compras pela China. A chance de entrada na União Europeia abre a possibilidade para a realização de cortes nobres e mais versáteis na produção dos frigoríficos da região e o avanço da produção de ovos. A macrorregião responde por 44% da produção aviária gaúcha e atende a demandas que ganham o mercado em todo o Brasil, como a especialização na produção do chamado "primo canto".



5

Região se mobiliza por estradas e ferrovia

A necessidade de escoamento da produção industrial e de garantir fluxo facilitado às matérias-primas, além de caminhos abertos para o turismo, tornam a infraestrutura um dos maiores desafios para que a macrorregião ganhe mais competitividade. Volta à pauta a criação de um terminal rodoferroviário em Vacaria. Entre a Serra e o Vale do Caí, iniciam as primeiras duplicações de rodovias estaduais neste ano. O Vale do Paranhana também está incluído no plano de concessões do Estado.



6

A região dos queijos nobres

A tradição é uma forma eficiente de agregar valor à produção e tornar diferenciada a produção de queijos e laticínios, especialmente entre a Serra e os Campos de Cima da Serra. É isso o que acontece com a produção artesanal do queijo serrano, que tem a denominação de origem aprovada pelo seu modo de produção e a sua região produtora. Mesmo não figurando como uma das principais bacias leiteiras gaúchas, a Serra é o grande polo produtor do queijo e de laticínios considerados mais nobres e com valor agregado pela indústria.



7

Hortifruti que movimentava a indústria

Ganha valor a produção de frutas, legumes e hortaliças da região destinadas à produção de doces que ganham espaço, inclusive, no mercado internacional. Em feiras na Europa, por exemplo, é a fruta brasileira, que tem na região um polo produtor, que encanta os paladares e representa oportunidade de novos negócios.





8

Conservas e rações tipo exportação

A produção de conservas, desde pepinos até carnes, se tornou uma especialidade entre os vales do Caí e Paranhana, que tem ajudado os municípios da região a ganharem status internacional de produção. Da mesma forma, a produção de rações para o mercado pet evolui na Serra e garante à região referência, especialmente na América Latina.



9

Mel é o "ouro negro" da Serra

A produção de mel na região tem selo de qualidade com denominação de origem. O mel de melato de bracinga, produzido por abelhas que coletam o melato produzido por cochonilhas na árvore bracinga, e não do néctar das flores, é conhecido como o "ouro negro", produzido entre Paraná, Santa Catarina, os Campos de Cima da Serra e a Serra Gaúcha. Cada vez mais valorizado, pode ganhar com a abertura para o mercado europeu.



10

Chocolate artesanal ganha com o turismo

Reconhecido com selo de denominação de origem, o chocolate artesanal de Gramado conta, atualmente, com cinco fábricas produzindo com a certificação. E para agregar valor a este produto único, as empresas apostam nas visitas e experiências de turismo dentro das suas produções, a exemplo do que acontece com o enoturismo.



11

Polo moveleiro

O Rio Grande do Sul reúne 2,4 mil indústrias de móveis. Cerca de 300 ficam no polo moveleiro de Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha, que também inclui as cidades de Monte Belo do Sul, Pinto Bandeira e Santa Tereza. O setor sentiu o tarifaço dos Estados Unidos, maior mercado para as exportações gaúchas, e projeta retomada com a redução das tarifas aplicadas sobre móveis fabricados no Brasil.



12

Aeroportos regionais

A aviação regional na Serra Gaúcha opera hoje em múltiplas camadas: aeroportos com voos comerciais regulares, aeródromos voltados à aviação executiva e formação de pilotos, além de projetos estruturantes que prometem reposicionar o papel da região no mapa logístico do Rio Grande do Sul. O principal é o novo aeroporto de Vila Oliva, em Caxias do Sul, cujas obras devem começar ainda em 2026.



13

Investimento em novos hotéis

A Região das Hortênsias, com Gramado e Canela, e o Vale dos Vinhedos, incluindo Bento Gonçalves e Garibaldi, são os pontos da Macrorregião da Serra que mais atraem turistas. Esse movimento também chama grandes investimentos em hotéis e complexos turísticos. É o caso do Sirena Gramado, empreendimento que prevê investimento de R\$ 1,2 bilhão e inauguração da primeira fase do projeto em 2027.



14

Expansão do enoturismo

Para além da produção de sucos de uva, vinhos e espumantes, tem crescido exponencialmente nas últimas décadas o enoturismo, isto é, a atração de visitantes que buscam experiências relacionadas à produção e à apreciação de vinhos. Além de fomentar o agro, com a produção de uva; a indústria na fabricação de sucos, vinhos e espumantes; a vitivinicultura impulsiona o setor de serviços, especialmente em gastronomia e hotelaria.



15

Saúde e inovação

A Macrorregião da Serra tem uma indústria forte, mas o setor de serviços ganha cada vez mais espaço. Além do turismo, a saúde e a inovação são dois destaques. Há expansão de hospitais privados e filantrópicos em Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Canela e Nova Prata. Em inovação, parques tecnológicos e startups avançam sobre o guarda-chuva de universidades, que também lançam cursos em sintonia com o mercado.



TRABALHO

RS tem 53,3 mil imigrantes com emprego formal

Número dobrou em apenas três anos; venezuelanos representam 55% do total de estrangeiros empregados no Estado

Ana Stobbe

O Rio Grande do Sul tem sido um destino consolidado entre imigrantes que buscam no Brasil melhores condições de vida. A maior parte deles são venezuelanos, que ingressam no País pela Região Norte, mas seguem rumo às terras gaúchas.

E o mercado de trabalho formal tem aberto as portas para esses estrangeiros: ao todo, foram criadas 10 mil novas vagas de emprego para imigrantes em 2025, em um total estimado em 53.384 postos de trabalho ocupados por nascidos no exterior, conforme dados do Novo Caged e da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) reunidos pela Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS).

"O mercado formal de trabalho no Rio Grande do Sul tem crescido num ritmo mais lento do que poderia. Mas a presença de imigrantes internacionais tem crescido bastante. Em 2022, por exemplo, eram cerca de 26 mil vínculos de migrantes em empregos formais. Em 2025, estimamos que sejam mais de 53 mil. Mais do que dobrou", avalia o chefe da seção de Informação e Pesquisa da FGTAS, Juliano Almeida.

Frente à transição demográfica, que está invertendo a pirâmide etária do Rio Grande do Sul, o sociólogo da FGTAS considera ser importante a chegada dessa parcela de migrantes para compensar a perda populacional prevista para os próximos anos. "O mercado de trabalho é bastante afetado por isso. E os migrantes internacionais que vêm em idade ativa ajudam a mitigar essa problemática. Então,

a acolhida é estratégica. Acompanhar essa movimentação e promover uma integração econômica é central para que essas pessoas, de fato, se estabeleçam no Rio Grande do Sul", explica.

E é notável que, entre as 20 cidades com mais concentração de imigrantes internacionais empregados — que correspondem a 68% de todas as vagas destinadas a essa população no Estado —, seis ficam na Macrorregião da Serra. Caxias do Sul, sua maior cidade, é, inclusive, a líder no ranking, com estimativa de 8.573 vínculos contratuais ativos com nascidos no exterior, superando até mesmo Porto Alegre, que possui 4.717.

O motivo por trás disso está em um polo metalmeccânico forte e em uma vocação industrial presente em diversas cidades serranas. Entre elas, além de Caxias do Sul, destacam-se Garibaldi, Bento Gonçalves e Farroupilha, nas quais o serviço nas indústrias é o mais comum entre os vínculos empregatícios dos estrangeiros.

"O que temos observado é que o crescimento da presença de imigrantes é maior no Interior do que na Capital e na Região Metropolitana de Porto Alegre. São regiões industriais onde a taxa de desocupação é mais baixa que no Estado que, por si só, já tem um índice baixo. Na parcela do território gaúcho que inclui a Serra e o Litoral Norte, ela está em 3,2%, enquanto no Rio Grande do Sul como um todo é de 3,7%, segundo uma metodologia experimental do IBGE que mede a taxa de desocupação em estratos geográficos. Então, tem mais oportunidades nesses lugares", analisa Almeida.

O mesmo se repete na Macrorregião Norte, onde indústrias, especialmente frigoríficos, que possuem maior dificuldade em encontrar mão de obra, conforme o sociólogo da FGTAS, investem na contratação de estrangeiros.



Indústria concentra vínculos empregatícios de estrangeiros no RS

Cidades com mais imigrantes no mercado de trabalho formal no RS

Cidade	Macrorregião	Corede	Estoque de empregos estimado no final de 2025	Participação no total estadual
1. Caxias do Sul	Serra	Serra	8.573	16%
2. Porto Alegre	Metropolitana	Metropolitano	4.717	9%
3. Erechim	Norte	Norte	3.349	6%
4. Passo Fundo	Norte	Produção	3.200	6%
5. Marau	Norte	Produção	1.751	3%
6. Tapejara	Norte	Nordeste	1.560	3%
7. Lajeado	Centro	Vale do Taquari	1.479	3%
8. Garibaldi	Serra	Serra	1.276	2%
9. Bento Gonçalves	Serra	Serra	1.252	2%
10. Canoas	Metropolitana	Vale do Sinos	1.084	2%
11. Santa Rosa	Norte	Fronteira Noroeste	1.015	2%
12. Farroupilha	Serra	Serra	985	2%
13. Chuí	Sul	Sul	939	2%
14. Gramado	Serra	Hortênsias	912	2%
15. Novo Hamburgo	Metropolitana	Vale do Sinos	801	2%
16. Santana do Livramento	Sul	Fronteira Oeste	784	1%
17. São Leopoldo	Metropolitana	Vale do Sinos	771	1%
18. Cachoeirinha	Metropolitana	Metropolitana	697	1%
19. Gravataí	Metropolitana	Metropolitana	533	1%
20. Serafina Corrêa	Serra	Serra	526	1%
Subtotal			36.204	68%
Total Estadual			53.384	100%

FONTE: FGTAS, COM BASE EM DADOS DO RAIS E DO NOVO CAGED

Não é de se estranhar que Erechim, Passo Fundo e Marau estejam entre as cinco cidades com mais imigrantes com empregos formais.

Outra cidade que se destaca é Santa Rosa, com o polo metalmeccânico. Lá, o perfil de imigrantes é diferente: os argentinos que, tradicionalmente realizavam migrações pendulares na Fronteira, têm passado a fixar residência no Estado, principalmente no município. "Santa Rosa é um polo regional industrial e está recebendo esses migrantes que saem da Argentina em função de mudanças políticas e do crescimento da pobreza lá. Isso estimula a migração laboral. Há alguns anos, eles faziam movimentos pendulares e retornavam ao país vizinho. Agora, estão buscando uma oportunidade de vínculos de emprego sem prazo determinado, o que significa que estão planejando estabelecer domicílio no Brasil. Em 2022, eram 1.300 argentinos empregados no Estado. Em 2025, chegam a quase 5 mil", explica Almeida.

No caso da Região Central, com as indústrias fumageiras do Vale do Rio Pardo e as alimentícias do Vale do Taquari, também é possível vislumbrar migrações.

Entretanto, apenas Lajeado figura entre as 20 cidades com maior número de migrantes empregados. Já a Macrorregião Sul é pouco expressiva nos vínculos ativos de imigrantes. Isso porque enfrenta uma geração de empregos abaixo da média estadual, com alto índice de informalidade — o que não se restringe a estrangeiros. No ranking das cidades que mais empregam estrangeiros destacam-se nessa

região apenas Chuí e Santana do Livramento, marcadas pela migração pendular de uruguaios. "Muitas têm atividade dos dois lados e cidadania em ambos países. E tem ainda a informalidade, porque a economia é menos forte na Metade Sul e o mercado formal de trabalho já é mais restrito na região, que tem uma taxa de desocupação de quase 5%, maior que a média estadual", complementa Almeida.

Nacionalidades com o maior número de vínculos empregatícios no RS em 2025

	Admissões	Desligamentos	Saldo	Estimativa de vínculos ativos
Venezuelana	30.915	25.089	5.826	29.448
Haitiana	3.987	2.962	1.019	7.329
Argentina	13.914	12.246	1.668	4.927
Uruguiaia	2.254	2.030	224	3.201
Cubana	3.875	2.228	1.647	3.077
Paraguaia	6.450	6.166	284	1.107
Senegalesa*	Não disponível	Não disponível	Não disponível	819
Colombiana	413	372	41	510
Peruana	146	131	15	248
Chilena	61	52	9	150
Total	62.015	51.276	10.733	53.384

* No novo Caged, senegaleses são classificados como "outros africanos"
FONTE: FGTAS, COM BASE EM DADOS DO RAIS E DO NOVO CAGED

CONSTRUÇÃO CIVIL

Aumento da população e economia aquecida alavancam construção civil

Lançamentos do setor disparam em polos regionais como Hortênsias Litoral Norte, Vale do Taquari e Passo Fundo

Ana Stobbe

O mercado da construção civil está aquecido em diversos locais do Rio Grande do Sul e, mas é possível identificar alguns polos que avançam mais rapidamente. Por trás disso, há algumas explicações: são áreas nas quais a população cresce mais rapidamente ou que concentram indústrias e serviços, ou seja, onde a economia também está sendo alavancada.

O Vale do Taquari, por exemplo, está crescendo consideravelmente. Na edição de 2025 do Mapa Econômico do RS, a situação ficou evidente, relacionada a migrações intrarregionais devido às enchentes de 2023 e 2024. Apenas em Teutônia, conforme apuração do Jornal do Comércio, foram acrescentados 3 mil novos moradores no pós-cheias aos 32.797 habitantes que já residiam no município conforme o Censo de 2022.

Na construção civil da região, o número se reflete. Afinal, houve um aumento de 623% no número de unidades verticais lançadas ao longo do primeiro semestre de 2025 em relação ao mesmo período do ano anterior, passando, em números absolutos, de 60 para 434. Os dados são de um estudo encomendado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) à Brain Inteligência Estratégica.

"A região de Lajeado se destaca, tem uma pujança financeira grande e é um polo da construção civil, embora num estágio um pouquinho menor do que outros. Dizemos que o RS tem pontos que vão se destacando e Lajeado também é um local

importante", descreve o presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS), Claudio Teitelbaum.

Outra região em franca expansão é o Litoral Norte, que concentra o maior aumento populacional entre os dois últimos Censos: 25,8%. E é lá onde está o segundo metro quadrado vertical mais caro do Estado, atrás apenas da conurbação formada por Gramado e Canela — outro local que cresce demograficamente acima de dois dígitos. "Estão crescendo muito no Estado os imóveis turísticos e de lazer. Nisso, entram Gramado, a Serra Gaúcha e até mesmo a Campanha (na Macrorregião Sul), que está investindo em olivicultura e enoturismo. E o Litoral Gaúcho também está tendo um bom desempenho de vendas nesse sentido e, também, como segunda moradia. E esses são braços que devem puxar o mercado imobiliário", acrescenta Teitelbaum.

Não à toa, Gramado foi a cidade escolhida para sediar um dos 18 investimentos bilionários anunciados ou realizados no Rio Grande do Sul em 2025, justamente no setor de lazer e moradia. O Sirena Gramado, como o complexo residencial e turístico será chamado, receberá um aporte de R\$ 1,2 bilhão.

Vale ressaltar que, entre 2010 e 2022, datas dos últimos Censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apenas três Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) apresentaram aumento populacional de dois dígitos: Vale do Taquari, Litoral Norte e Hortênsias. Todas elas também se destacam em crescimento na construção civil.

Por outro lado, há cidades que aumentam a oferta de serviços, recebem cada vez mais indústrias e, conseqüentemente, passam a crescer economicamente. E o mercado de trabalho aquecido não apenas a auxilia a ampliar sua participação no Produto Interno Bruto (PIB)

Ranking de população no RS por Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes)

Corede	População 2010	População 2022	Variação	Percentual da população gaúcha	Macrorregião no Mapa Econômico
1. Metropolitano	2.420.362	2.356.190	-2,65%	21,6%	Metropolitana
2. Vale do Rio dos Sinos	1.290.417	1.332.814	3,29%	12,2%	Metropolitana
3. Serra	862.377	940.311	9,04%	8,6%	Serra
4. Sul	843.206	819.462	-2,46%	7,5%	Sul
5. Fronteira Oeste	530.150	509.159	-3,96%	4,6%	Sul
6. Vale do Rio Pardo	418.093	424.237	1,47%	3,9%	Central e Vales
7. Central	391.555	393.423	0,48%	3,6%	Central e Vales
8. Litoral	296.083	372.693	25,87%	3,4%	Metropolitana
9. Produção	338.049	369.768	9,38%	3,4%	Norte
10. Vale do Taquari	327.723	361.273	10,24%	3,3%	Central e Vales
11. Centro-Sul	253.461	245.561	-3,12%	2,25%	Sul
12. Missões	247.996	240.593	-2,99%	2,21%	Norte
13. Norte	221.418	222.274	0,39%	2,0%	Norte
14. Campanha	216.269	215.447	-0,38%	1,97%	Sul
15. Paranhana-Encosta da Serra	204.850	209.953	2,49%	1,92%	Serra
16. Fronteira Noroeste	203.487	209.168	2,79%	1,92%	Norte
17. Vale do Caí	169.632	185.756	9,51%	1,7%	Serra
18. Noroeste Colonial	166.607	175.309	5,22%	1,6%	Norte
19. Médio Alto Uruguai	148.388	154.343	4,01%	1,42%	Norte
20. Alto Jacuí	155.278	152.876	-1,55%	1,4%	Norte
21. Hortênsias	126.965	149.675	17,89%	1,3%	Serra
22. Celeiro	141.502	135.755	-4,06%	1,25%	Norte
23. Jacuí-Centro	143.402	133.980	-6,57%	1,23%	Central e Vales
24. Nordeste	126.798	130.933	3,26%	1,20%	Norte
25. Rio da Várzea	130.548	129.702	-0,65%	1,19%	Norte
26. Vale do Jaguarí	117.266	111.066	-5,29%	1,0%	Central e Vales
27. Campos de Cima da Serra	98.020	100.839	2,89%	0,93%	Serra
28. Alto da Serra do Botucaraí	100.027	98.045	-1,98%	0,90%	Norte
Total - Rio Grande do Sul	10.693.929	10.882.965	1,77%	100%	

FONTE: IBGE

estadual, mas, também, a atrair novos moradores.

Passo Fundo e Caxias do Sul são exemplos disso: cidades que se transformaram em polos econômicos regionais que têm crescido no ramo da construção. Ao final de 2025, eram mais de 100 prédios em obras na principal cidade do Norte do RS, conforme a prefeitura local. Já na "capital" serrana, o estudo aponta crescimento de 203% no lançamento de unidades prédios.

Saiba onde houve crescimento populacional no Rio Grande do Sul entre 2010 e 2022

O Rio Grande do Sul ganhou pouca população entre 2010 e 2022, anos em que foram realizados os últimos Censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Apenas 3 dos 28 Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) cresceram demograficamente com índices de dois dígitos:

Litoral Norte +25,8%

Hortênsias +17,89%

Vale do Taquari +10,24%



VITIVINICULTURA

Acordo Mercosul-UE deverá beneficiar espumante gaúcho

Denominação de Origem e Identificação de Procedência garantem ao produto reconhecimento da qualidade

Eduardo Torres

Chegou a vez dos espumantes da Serra Gaúcha. O produto já é apontado como diferenciado por quem o conhece, mas com a entrada em vigor do acordo comercial entre União Europeia (UE) e Mercosul, prevista para 1º de maio, deve ganhar ainda mais evidência. Mesmo ainda com muitas dúvidas sobre o funcionamento do acordo comercial, o que se sabe é que o horizonte de um mercado mais aberto com os europeus é favorável aos produtos que realcem as características únicas da produção econômica na Macrorregião Serra do Mapa Econômico do RS. Os espumantes, é claro, estão entre os mais destacados.

“É verdade que entrarão produtos europeus com preços mais competitivos nas prateleiras, mas também é verdade que esse movimento vai ampliar o mercado consumidor brasileiro para produtos de maior qualidade, melhorar o paladar deste consumidor, e o espumante, diferente do vinho, fideliza muito mais o cliente. Quando conhece e se

identifica com uma marca, o consumidor de espumante é muito fiel. E aí está uma grande oportunidade para a nossa produção”, explica o responsável pela vinícola Cave Geisse, Daniel Geisse. A perspectiva do setor é de que, nos próximos anos, o consumo de espumantes cresça, em média, 10% no Brasil.

A cada ano, a vinícola leva ao mercado, em média, 300 mil garrafas de espumantes, com uma perspectiva de chegar a 500 mil anuais. Produção feita nos chamados Altos de Pinto Bandeira. Eis aí um diferencial de terroir e, por consequência, de valor agregado ao mercado. Geisse, que representa a segunda geração da família à frente da vinícola, lidera hoje também a Associação dos Produtores de Vinhos de Pinto Bandeira (Asprovinho), responsável pela Denominação de Origem (DO) dos espumantes dos Altos de Pinto Bandeira. É a primeira DO de espumantes no chamado “novo mundo”, quando se trata da produção vinícola.

Há também uma Identificação de Procedência (IP) reconhecida para a produção de uvas em Pinto Bandeira. No caso dos Altos, há mais especificidades. Além da produção exclusiva de uvas Chardonnay, Pinot Noir e Riesling Itálico, elas devem ser cultivadas em espaldeira, dentro de uma área de 65 quilômetros quadrados, com altitude entre 520m e 770m, que abrange ainda uma parte das áreas de Farroupilha e

Bento Gonçalves, e a produção precisa ser feita pelo método tradicional, com as uvas prensadas inteiras e com a segunda fermentação na garrafa.

“O resultado é um espumante já reconhecido pelo alto padrão por especialistas do mundo inteiro”, garante Geisse. Ao todo, cinco vinícolas produzem hoje os espumantes certificados dos Altos de Pinto Bandeira, que chegaram ao mercado com o selo da DO em 2023. De acordo com o Sistema de Declarações Vinícolas (Sisdevin) do governo do Estado, desde 2006 o município de Pinto Bandeira produziu 320 mil litros de espumantes engarrafados na localidade.

A Denominação de Origem ou Identificação de Procedência serve como selo protetor no cenário que se desenha com o acordo Mercosul-UE. Estes produtos terão, pelas regras do acordo, respeitadas as suas exclusividades. E neste aspecto, as regiões abordadas na macrorregião Serra do Mapa Econômico correm na frente em relação ao restante do Rio Grande do Sul e outras regiões do Brasil. Ao todo são 14 registros reconhecidos pelo Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI) no Estado, sendo nove nesta macrorregião – e seis se referem à produção vitivinícola: Pinto Bandeira, Altos de Pinto Bandeira, Vale dos Vinhedos, Monte Belo do Sul, Farroupilha e Altos Montes.



Cave Geisse conquistou Denominação de Origem Altos de Pinto Bandeira

Exportações do RS devem crescer nos próximos anos

A Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs) estima que, ao longo dos próximos 15 anos, as exportações industriais gaúchas para a União Europeia possam se expandir em aproximadamente US\$ 801,3 milhões.

A entidade aponta os diferenciais para a indústria gaúcha com o acordo:

■ **Agroindústria Competitiva:** O acordo facilita a exportação de carnes (bovina, aves), soja, tabaco, calçados e móveis, setores de forte atuação gaúcha, reduzindo custos e barreiras técnicas.

■ **Setor Vitivinícola:** A taxa de importação para vinhos europeus no Brasil (hoje em 27%) deve cair, ao mesmo

tempo que o setor gaúcho de vinhos e espumantes ganha competitividade internacional com o zeramento de tarifas em até 12 anos.

■ **Exportações do Vale do Rio Pardo:** O acordo favorece a ampliação das exportações e o acesso à tecnologia na região.

■ **Modernização Industrial:** A redução de tarifas para maquinários e componentes europeus facilitará a modernização tecnológica das indústrias gaúchas, aumentando a produtividade.

■ **Redução de Burocracia:** A simplificação e harmonização de procedimentos alfandegários pode reduzir custos no comércio internacional.

Vinícola vê chance para conquistar novos mercados

Na Cooperativa Vinícola Aurora os olhares estão voltados à conquista de novos mercados, expectativa que cresce com a iminência da entrada em vigor do acordo comercial entre União Europeia e Mercosul. Há um interesse especial em novos consumidores no continente europeu que busquem as origens do produto da Serra Gaúcha.

Não à toa, a vinícola fez, entre fevereiro e março, um circuito de feiras do setor na França e na Alemanha. Na carta de produtos oferecidos por lá estavam, principalmente, os espumantes, vinhos leves e produtos sem álcool – justamente aqueles apontados como os possíveis diferenciados em um futuro mercado mais integrado com a União Europeia. Em 95 anos da Aurora, já são 76 com a venda de vinhos para o exterior. Em 2025, teve crescimento de 7% em exportações, especialmente para a América do Sul.

A cooperativa produz em 11 municípios da Serra, entre eles, há produção com selos de certificação

em duas áreas de Denominação de Origem: os Altos de Pinto Bandeira e o Vale dos Vinhedos.

“A Denominação de Origem dá ao produto notoriedade internacional. Produzimos hoje o vinho Merlot na Denominação de Origem do Vale dos Vinhedos e espumantes únicos

no Hemisfério Sul nos Altos de Pinto Bandeira. São produtos com alto potencial para o mercado externo e representam a maior das oportunidades abertas com esse possível acordo”, avalia o diretor de marketing e vendas da Cooperativa Vinícola Aurora, Rodrigo Arpini.



Aurora levou a feiras europeias espumantes, vinhos e produtos sem álcool

Garibaldi busca Denominação de Origem para seus espumantes

É impossível falar de espumantes e não pensar em Garibaldi. Foi no município da Serra Gaúcha a primeira produção brasileira da bebida e, conforme o Sistema de Declarações Vinícolas (Sisdevin) do governo do Estado, desde 2008 foram 90 mil litros de espumantes saindo de Garibaldi. No entanto, ainda não há uma certificação oficial reconhecida para os espumantes do município.

“Estamos em um trabalho intenso já há um ano, que reúne 11 vinícolas nesse trabalho de resgate histórico e de preparação para termos reconhecida a Denominação de Origem de Garibaldi. Foi aqui que se produziram os primeiros espumantes do Brasil”, explica o diretor-executivo da Cooperativa Vinícola Garibaldi, Alexandre Angonezi.

A aposta da cooperativa para se diferenciar neste setor está no investimento em tecnologia desde

o campo até a indústria. A Vinícola Garibaldi conta com um vinhedo experimental, de onde saem variedades mais nobres e propícias à produção do espumante. Hoje são mais de 30 itens de espumantes no portfólio da cooperativa.

De acordo com Angonezi, enquanto no setor 85% das uvas cultivadas são híbridas comuns, na Garibaldi, mais de 40% das cultivadas já são viníferas. Isso representa mais valor agregado. Enquanto 60% da produção da cooperativa é dedicada aos vinhos de mesa e sucos, e 40% aos vinhos finos e espumantes, em faturamento, a balança inverte. A vinícola fatura 50% com os espumantes e 25% com os sucos.

E há ainda os aportes em processamento, envase e divulgação. Em 2026, a Vinícola Garibaldi encerra um ciclo de R\$ 15 milhões em investimentos iniciados em 2025.

Enoturismo é vitrine para um novo público consumidor

É muito mais do que o produto em si, mas a experiência que vem engarrafada. O mote que leva ao turismo relacionado à produção vitivinícola é um dos trunfos da Serra Gaúcha para conquistar novos mercados, como o europeu. No Vale dos Vinhedos, região de 82 quilômetros quadrados que abrange áreas em Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul foi registrada a primeira Indicação Geográfica do País e, por consequência, a Denominação de Origem dos vinhos produzidos ali. A região é considerada Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande do Sul. O Vale é exemplo do enoturismo bem-sucedido, e que se multiplica nos outros polos produtores da Serra.

A estimativa da Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (Aprovale) é de que, anualmente, em média, 450 mil turistas visitem o Vale dos Vinhedos e frequentem pelo menos alguma das estruturas entre as 31 vinícolas, 12 hospedagens e 19 restaurantes da região.

“O enoturismo é uma prioridade para nós. A quantidade de vinhos produzidos no Vale é crescente, e com o turismo, cresce o interesse em consumir este produto. Depois da pandemia e das cheias, que afetaram muito o serviço de turismo na nossa região, estamos em um momento de retomada. O mundo todo, literalmente, vem ao Vale. Temos levado a divulgação da região a feiras tanto no Brasil quanto no exterior, e tem dado resultado”, explica o vice-presidente da associação Moisés Brandelli.

Ele é o responsável pela vinícola Don Laurindo, que anualmente produz,



Segundo a Aprovale, 450 mil turistas visitam o Vale dos Vinhedos por ano

em média, 90 mil litros de vinho (120 mil garrafas). Enquanto em outras regiões, o enoturismo costuma responder por 10% do faturamento das vinícolas, na Don Laurindo, chega a 30%. Uma aposta que tem garantido qualificação na estrutura da vinícola, como, por exemplo, guias que falam inglês.

“Quanto mais a região se capacita para o público estrangeiro, mais eles vêm. Nós fizemos questão de fazer essa qualificação, e temos recebido muitos turistas da França, Estados Unidos, Chile. Temos apostado também no estreitamento do enoturismo com os restaurantes, porque produzimos no Vale dos Vinhedos bons vinhos que combinam com boa alimentação”, aponta.

O enoturismo internacional envolve ainda um público ávido por conhecer o terroir das regiões produtoras. E neste aspecto, o trabalho da Aprovale, iniciado em 1995, é exemplar. Há um mapa de solos detalhado com todos

os microterroirs existentes no Vale dos Vinhedos.

“Além disso, carregamos uma história e tradição, que unem o cultivo à elaboração do vinho, diferenciados e únicos. A Denominação de Origem (DO) afirma um trabalho iniciado há 150 anos nessa região. Um resgate que contou, inclusive, com o apoio de especialistas europeus”, conta Brandelli.

Nos últimos dois anos, no entanto, publicações especializadas consideraram a melhor experiência enoturística da Serra a organizada nos Altos de Pinto Bandeira.

“O compromisso é sempre valorizar muito o tempo de quem vem aqui. Garantimos uma união entre a exploração da natureza local, do terroir e da alta gastronomia. O resultado é a garantia de um turismo com tíquete médio cada vez maior e mais valorizado”, aponta Daniel Geisse, responsável pela vinícola da Cave Geisse.

Desigualdades na cadeia produtiva do vinho preocupam o setor

O avanço do acordo entre Mercosul e União Europeia está longe de ser plenamente positivo para o setor vitivinícola gaúcho. Ao contrário, as entidades do setor já manifestaram grande preocupação com a abertura do mercado brasileiro para os produtos europeus, um risco especialmente aos vinhos gaúchos. O Instituto de Gestão, Planejamento e Desenvolvimento da Vitivinicultura do Estado do Rio Grande do Sul (Consevit-RS), em nota oficial, alertou que “a eventual eliminação de tarifas de importação ao longo dos próximos anos exige atenção redobrada às condições internas de competitividade”.

A nota completa que a preocupação maior está na assimetria em relação aos produtos europeus. “Em importantes nações produtoras, como Itália, Espanha, Portugal e Argentina, o vinho recebe reconhecimento como alimento, patrimônio cultural ou nacional, além de contar com cargas tributárias mais equilibradas, políticas de incentivo, subsídios e instrumentos

de proteção à produção”, detalha, e completa: “há risco de aprofundamento das desvantagens competitivas já enfrentadas pelo vinho brasileiro, hoje pressionado pela concorrência de produtos importados, inclusive de países do próprio Mercosul”.

“Agora, com o avanço da concretização do acordo, é hora de agirmos nos bastidores. Nas atuais condições, temos hoje muito mais a perder do que a ganhar com esse novo cenário. Por isso, antes de entrarmos nele, é preciso haver simetria no tratamento aos produtores gaúchos em relação ao que os importados terão. Em Portugal, por exemplo, o governo libera € 1 bilhão aos produtores, na França, têm políticas fortes de incentivo. Já no Brasil, é o contrário. É preciso incentivar a produção, porque, no Rio Grande do Sul, estamos falando das vidas de pelo menos 20 mil famílias. Estamos falando da sobrevivência de uma cadeia produtiva”, avalia o diretor de marketing e vendas da Cooperativa Vinícola Aurora, Rodrigo Arpini.



Pelo menos 20 mil famílias atuam na cadeia produtiva do vinho

Sucos únicos na Serra Gaúcha

Na janela de oportunidades para as vinícolas da Serra a partir de um acordo com a União Europeia, os sucos de uva podem ganhar maior protagonismo. Mesmo com menor valor de mercado do que os vinhos finos e espumantes, a produção de sucos é o destino do maior volume de uvas processadas. Na Cooperativa Vinícola Aurora, por exemplo, 70% das uvas recebidas são transformadas em suco integral. Conforme o Sisdevin, em 2025, foram produzidos 91,2 milhões de litros de sucos e polpa de uva no Estado, sendo 20,6 milhões de litros somente em Bento Gonçalves.

“Temos aqui um diferencial muito importante em relação aos europeus, que é o cultivo da uva híbrida americana, que só existe no

novo mundo, e a diferença de qualidade para os sucos em relação às viníferas gigantesca. Hoje o suco, tanto integral quanto concentrado, já é exportado, mas em volume muito pequeno e para nichos específicos, por exemplo, nos Estados Unidos, Armênia e Reino Unido”, aponta Alexandre Angonezi, da Vinícola Garibaldi. No caso da Garibaldi, enquanto os sucos integrais são produzidos na sua planta industrial, há uma união com outras cooperativas – Nova Aliança, São João e Pradense –, a Cenecoop Serra, para processar o suco concentrado em Farroupilha. Foi a partir do município que US\$ 651,7 mil foram exportados em sucos e sumos de fruta em 2025, alta de quase 40% em relação a o ano anterior.

Regiões e produtos gaúchos que possuem Indicação Geográfica

📍 **Altos de Pinto Bandeira:** a DO Altos de Pinto Bandeira é a primeira exclusiva para produzir espumantes no “novo mundo. Os vinhedos são produzidos com uvas Chardonnay, Pinot Noir ou Riesling Itálico. O espumante natural é elaborado pelo método tradicional, com segunda fermentação em garrafa.

📍 **Pinto Bandeira:** a IP de Pinto Bandeira refere-se à área delimitada de 7,9 mil hectares de cultivo de uvas destinadas a vinhos tintos, brancos e espumantes. São autorizadas oito cultivares.

📍 **Vale dos Vinhedos:** foi a primeira IP do RS, em 2002 e em 2012, com a DO. Já foram mais de 5 milhões de garrafas comercializadas com o selo, 11 empresas habilitadas em toda a região, no entanto, 27 empresas do setor na área de até 82 km² entre Bento Gonçalves (60%), Garibaldi (33%) e Monte Belo do Sul (7%).

📍 **Altos Montes:** a IP Altos Montes é uma área contínua entre Flores da Cunha e

Nova Pádua, totalizando 173,84 km². São 20 vinícolas associadas, que elaboram vinhos com diferentes cultivares e destaque para Tannat, Cabernet Sauvignon, Merlot, Chardonnay, Pinot Noir e Cabernet Franc.

📍 **Farroupilha:** a IP Farroupilha é caracterizada pela uva moscatel. A sua variedade branca, a principal, é única no Brasil.

📍 **Monte Belo do Sul:** o município tem a maior produção de uvas per capita do Brasil, a IP foi obtida em 2013 para uma área contínua localizada em Monte Belo e partes de Bento Gonçalves e Santa Tereza, totalizando 56,09 km². São 11 associadas, sendo nove vinícolas, uma fabricante de suco e uma tanoaria, todas com sede em Monte Belo. Os vinhos finos da IP são produzidos em pequenas vinícolas familiares, em volumes baixos.

📍 **Campos de Cima da Serra:** em 2020, a produção do queijo serrano recebeu a homologação da DO. Há uma estimativa

de que mais de 1,5 mil produtores elaboram este queijo, mas apenas 20 estão com o selo atualmente. Com isso, 99% da produção ainda é informal.

📍 **Mel de Melato de Bracatinga:** a IP refere-se ao chamado “ouro negro do sul”, o mel produzido na região do Planalto Sul Brasileiro, entre Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. Na macrorregião, fazem parte do bolsão produtores de Bom Jesus, Cambará do Sul, Jaquirana, Riozinho, Rolante, São Francisco de Paula e São José dos Ausentes.

📍 **Chocolate de Gramado:** a IP Gramado é uma das mais recentes no RS, e hoje reúne 5 empresas do chocolate artesanal dentro dos padrões. Com delimitação ao território do município, inclui diversos formatos de chocolates. As empresas precisam, necessariamente, ter 100% da produção em Gramado e incluída no selo.

Fonte: INPI

AGROINDÚSTRIA

Produção aviária volta à China e mira novos clientes



GRANJA PINHEIROS/DIVULGAÇÃO/IC

No Rio Grande do Sul, 44% da produção avícola está concentrada entre a Serra e o Vale do Caí

Decisão no mercado externo vem em um momento ascendente para o mercado de carne de frango

Eduardo Torres

O ano começou com uma excelente notícia e também perspectivas positivas para o setor aviário gaúcho. Depois de quase dois anos, foi derrubado o embargo da China aos frigoríficos do Rio Grande do Sul, reabrindo um dos mais importantes mercados externos à carne de frango gaúcha.

De acordo com a Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), 44% da produção do Estado concentra-se entre a Serra e o Vale do Caí. Entre os oito frigoríficos autorizados a retomar as vendas para os chineses, três são da região - JBS, em Montenegro, Agrosul, em São Sebastião do Caí, e BRF, em Serafina Corrêa. Antes do embargo, imposto em 2024, a China representava quase 6% das vendas de frango gaúchas. Com a reabertura, a estimativa é de que o volume do produto negociado com os chineses tenha uma alta de 10%.

A decisão no mercado externo vem em um momento ascendente para o setor, que deu exemplo na forma como recuperou-se após a notificação de um caso de gripe aviária em Montenegro, no Vale do Caí.

"O Rio Grande do Sul deu um salto em exportações. Imaginávamos que a gripe aviária, depois da

Newcastle em 2024, geraria uma perda de 10% nas negociações com o Exterior, mas fizemos a erradicação correta e, em menos de 30 dias, a questão estava resolvida e conseguimos normalizar as negociações com os principais mercados. Ainda faltava a China, que agora está recuperada", avalia o presidente da Asgav, José Eduardo dos Santos.

Neste tabuleiro de oportunidades, a possibilidade do acordo entre União Europeia e Mercosul pode ser a cereja do bolo.

"Mesmo com países como a França contando com salvaguardas aos seus produtores, eles não têm a larga escala e a variedade de produtos que nós temos. Agora é momento de ficarmos atentos à regulamentação, que vai criar um novo cenário em um mercado propício, cada vez mais inclinado mundialmente ao consumo de proteínas leves", diz.

A expectativa da entidade é que a maior abertura do mercado europeu permita às indústrias gaúchas agregar valor, com cortes mais nobres, na produção frigorífica de frangos.

Mesmo com a dificuldade provocada pela gripe aviária, o setor aviário fechou 2025 com uma leve redução de 3,6% em valores negociados com o Exterior em relação a 2024 e de menos de 1% em relação ao volume exportado no ano. Em janeiro, já houve alta de 0,7% nos valores exportados com carnes de frango. De acordo com Santos, a projeção é chegar a uma alta de até 4% no volume exportado em 2026. O

Rio Grande do Sul é o terceiro maior estado exportador brasileiro de frangos, e Farroupilha, na Serra, conta com o maior volume de animais em criação. A perspectiva é ampliar em até 2% a produção avícola no Rio Grande do Sul este ano.

De acordo com o Fundo de Desenvolvimento da Cadeia Agropecuária (Fundesa), enquanto a média diária de abates de frango no Estado foi de 3,2 milhões de aves em 2025, no primeiro mês de 2026, esse volume subiu para 3,4 milhões, uma alta de 7,3%. No ano passado, o volume de abates médio diário reduziu em apenas 0,09% em relação a 2024, mesmo com a gripe aviária.

Abates de frango no Rio Grande do Sul

2026 (janeiro): 3.444.697/dia (total de abates: 72.338.636)

2025: 3.208.025/dia (total de abates: 808.422.298)

2024: 3.211.019/dia (total de abates: 796.332.695)

FONTE: FUNDESA

▶ Em 2025, o Rio Grande do Sul exportou US\$ 24,6 milhões (12,8% das exportações do Brasil) em ovos; em janeiro de 2026, já exportou US\$ 2,7 milhões (16% das exportações do Brasil)

▶ Em 2025, o Rio Grande do Sul exportou US\$ 1,2 bilhão (13,2% das exportações do Brasil) em carnes de frango; em janeiro de 2026, exportou US\$ 97,9 milhões (12,3% das exportações do Brasil)

FONTE: MINISTÉRIO DO COMÉRCIO EXTERIOR

Mercado de ovos em expansão

Há atenção especial da entidade do setor avícola no potencial da produção de ovos. De acordo com o Ministério do Comércio Exterior, durante todo o ano passado, o Rio Grande do Sul negociou US\$ 24,6 milhões com o exterior, representando uma alta de 38,1% em relação ao ano anterior. Somente em janeiro de 2026, foram US\$ 2,7 milhões negociados em ovos, alta de 132,7% em relação ao mesmo mês do ano passado.

Estão justamente no Vale do Caí e na Serra os principais expoentes da produção de ovos e do desenvolvimento genético de frangos. À exemplo do plantel de aves, Farroupilha também é o município

com maior produção de ovos no Rio Grande do Sul. "O Rio Grande do Sul se apresenta como um potencial exportador ao mercado europeu, por exemplo, se o futuro acordo privilegiar a revisão de cotas limites de exportação. Temos um setor em grande ascensão", avalia o presidente da Asgav, José Eduardo dos Santos.

Hoje, a produção de ovos responde por apenas 1,5% de toda a exportação do setor avícola brasileiro, no entanto, há projeção no RS de ampliar a produção em até 10% em 2026. Em termos de volume de ovos, seja in natura, em pó ou sob outras formas, o Estado responde por 34% das exportações brasileiras e por apenas 6% do mercado nacional.

De onde vem o galetto único da região

Na Granja Pinheiros, que produz a marca AveSerra, a mira não está no aquecimento internacional do setor aviário gaúcho, mas na consolidação no Estado e em todo o País de um produto único da Serra Gaúcha. A empresa, que mantém a gestão familiar há 45 anos, a partir de Nova Petrópolis, especializou-se na produção do galetto ao primo canto, e hoje é fornecedora de pelo menos 50 das maiores galeterias gaúchas e nacionais.

"É uma característica nossa garantirmos um atendimento quase personalizado a cada cliente, por vezes, com cortes específicos para algumas redes que abastecemos. O primo canto, por exemplo, é um produto diferenciado e que nos especializamos, inclusive com um setor exclusivo dentro do setor de abate e frigorífico, além de um desenvolvimento específico com toda a nossa cadeia integrada para esse abate dos animais com 21 dias", explica o diretor

administrativo da Granja Pinheiros, Roberto Luiz Kehl.

Diariamente, a empresa abate 120 mil frangos no Rio Grande do Sul, e outros 60 mil em uma unidade em Santa Catarina. A expectativa é, em 2026, repetir o aumento em torno de 15% na produção gaúcha, como tem acontecido nos últimos anos. Mas esta é só a ponta de um sistema 100% integrado, e que neste ano recebe importantes investimentos para garantir ainda mais o produto único da produção aviária da região.

A Granja Pinheiros finaliza em março o seu novo incubatório, com capacidade de fecundação de 11,5 milhões de ovos férteis por mês, resultado de um aporte de R\$ 65 milhões em Nova Petrópolis. Antes dos ovos chegarem a este estágio, porém, há duas granjas próprias em São Francisco de Paula, onde chegam e são desenvolvidas as matrizes geneticamente desenvolvidas. Quando atingem o nível de maturidade, são entregues a 25 produtores integrados, também da região, para que sejam desenvolvidos os ovos férteis.

Após a fecundação, vem o período de criação dos frangos, em uma cadela de 130 produtores integrados, até o abate e produção no frigorífico de Presidente Lucena. Toda esta cadeia é, literalmente, alimentada também com suporte da AveSerra. Há duas fábricas de ração próprias, uma em Nova Petrópolis e outra em Santa Catarina. Neste ano, a empresa investe até R\$ 12 milhões nas instalações gaúchas para dar conta do aumento da produção.

Entre Nova Petrópolis, São Francisco de Paula, Presidente Lucena e na sua unidade catarinense, Granja Pinheiros emprega diretamente duas mil pessoas.

Maiores produtores

Frango

♥ **Farroupilha**

1,2 milhão de cabeças

♥ **Salvador do Sul**

939,1 mil cabeças

♥ **Morro Reuter**

895,4 mil cabeças

♥ **Vacaria**

832,5 mil cabeças

♥ **Alto Feliz**

740,2 mil cabeças

Ovos

♥ **Farroupilha**

♥ **Vacaria**

♥ **Alto Feliz**

♥ **Salvador do Sul**

♥ **Morro Reuter**

HORTIFRUTICULTURA

Produção de doces e conservas da região conquista mercado externo

Clientes europeus estão no radar dos comerciantes da região do Vale do Paranhana

Eduardo Torres

A cidade com melhor índice de qualidade de vida do Rio Grande do Sul, conforme o ranking do Instituto Imazon, levando em conta indicadores de educação, saúde e segurança, é Presidente Lucena, no Vale do Paranhana. Com seus pouco mais de 3 mil habitantes, tem a indústria calçadista, especialmente com a fábrica da Luz da Lua, como sua principal exportadora. No entanto, é um doce com gosto natural e repleto de tradição que transforma em "tipo exportação" um produto dessa comunidade, e que tem expectativa reforçada com o acordo entre Mercosul e União Europeia: o município é conhecido



BOM PRINCÍPIO ALIMENTOS/DIVULGAÇÃO/IC

Bom Princípio produz até 800 toneladas de doces e conservas ao mês

como a Capital da Schmier Colonial.

A schmier trata-se de um doce de melado com batata doce. Em indústrias como a Petry, que emprega 191 pessoas e responde pelo terceiro maior retorno de ICMS do município, o produto ganha dimensão industrial. Na origem da empresa, há 65 anos, era

produzido a granel para venda na Região Metropolitana. A partir dos anos 2000, a Petry passou a produzir também as chimias e geleias, com frutas, e, há oito anos, as conservas de pepino. Este, inclusive, é o atual produto exportado pela empresa na América Latina. A Petry já é uma das três maiores

produtoras de conservas do Brasil e a maior do Rio Grande do Sul. A exportação de conservas responde por 1% das vendas de Presidente Lucena ao exterior.

"O mercado europeu está no nosso radar. A schmier tem um apelo muito bom em diversos países, e temos o plano de explorar esse aspecto. Temos aqui em Presidente Lucena um ambiente muito favorável para a produção e o crescimento. Hoje, a nossa produção divide-se em 50% para conservas, 40% entre os doces e outros 10% em polpas de frutas, em uma área de 8 mil metros quadrados", explica o diretor administrativo da Petry, Luciano Fick. Ao todo, a Petry produz até 800 toneladas de doces e conservas por mês.

Em 2025, a empresa concluiu um investimento de R\$ 12 milhões entre aquisição de maquinários, reforma do prédio e melhorias na automação da produção.

Maiores municípios produtores

FONTE: IBGE, SISDEVIN RS

Uva

- 📍 Flores da Cunha
- 📍 Bento Gonçalves
- 📍 Farroupilha
- 📍 Caxias do Sul
- 📍 Monte Belo do Sul

Abóbora

- 📍 Santa Maria do Herval
- 📍 Caxias do Sul
- 📍 São Francisco de Paula
- 📍 Ipê
- 📍 Campestre da Serra

Ameixa

- 📍 Caxias do Sul
- 📍 Antônio Prado
- 📍 Farroupilha
- 📍 Campestre da Serra
- 📍 Ipê

Batata doce

- 📍 Feliz
- 📍 Presidente Lucena
- 📍 Nova Petrópolis
- 📍 Linha Nova
- 📍 Coronel Pilar

Figo

- 📍 Feliz
- 📍 Caxias do Sul
- 📍 Nova Petrópolis
- 📍 Gramado
- 📍 Antônio Prado

Goiaba

- 📍 Feliz
- 📍 Vale Real
- 📍 Caxias do Sul
- 📍 Bom Princípio
- 📍 Linha Nova

Laranja

- 📍 São José do Hortêncio
- 📍 Tupandi
- 📍 Montenegro
- 📍 São José do Sul
- 📍 Harmonia

Maçã

- 📍 Vacaria
- 📍 Caxias do Sul
- 📍 Bom Jesus
- 📍 Muitos Capões
- 📍 São Francisco de Paula

Morango

- 📍 Ipê
- 📍 Bom Princípio
- 📍 Caxias do Sul
- 📍 São Sebastião do Caí
- 📍 Vacaria

Bergamota

- 📍 Montenegro
- 📍 Pareci Novo
- 📍 São José do Sul
- 📍 Harmonia
- 📍 São José do Hortêncio

Pêssego

- 📍 Pinto Bandeira
- 📍 Caxias do Sul
- 📍 Antônio Prado
- 📍 Farroupilha
- 📍 Campestre da Serra

Tomate

- 📍 Caxias do Sul
- 📍 Nova Bassano
- 📍 Flores da Cunha
- 📍 São Francisco de Paula
- 📍 Ipê

Natureza que conquista paladares

A produção de frutas entre os vales do Paranhana, Caí e Serra garante a movimentação de um setor industrial de alto potencial e diferencial em outros contextos mundiais.

"Vemos com bons olhos a possibilidade de abertura do mercado europeu para os nossos produtos. Hoje existe ainda uma barreira para produtos com leite na composição, e não está muito claro se esse nível de rigor vai reduzir com o acordo. Mas ganhamos muito em competitividade justamente pela nossa base diferenciada de frutas. Já percebemos isso sempre que estamos em feiras internacionais. O consumidor estrangeiro busca as nossas frutas, a tropicalidade. Nós conseguimos, com isso, entrar bem em novos mercados com valor agregado", explica o gerente comercial e de exportação da Bom Princípio Alimentos, Vinícius Corrêa.

A partir de investimentos que ultrapassam R\$ 4 milhões em 2026 na ampliação fabril em Tupandi, no Vale do Caí, principalmente na produção das suas bases de cremes de avelã, chimias e chocolates, a estimativa é aumentar a produção em 15%. Em relação ao faturamento, a perspectiva é ficar entre 15% e 20% de aumento em 2026. No ano passado já houve crescimento de 20%.

Além da fábrica em Tupandi, a empresa conta com centros de distribuição em Sapucaia do Sul, no Vale do Sinos, além de Pernambuco, de onde há distribuição dos produtos no Norte

e Nordeste, e no Espírito Santo, para a logística no Sudeste e Centro-Oeste. A aposta da Bom Princípio, porém, está na conquista dos mercados no exterior. Hoje, as exportações respondem por 1% do faturamento. A meta, de acordo com Corrêa, é chegar a 3% ainda em 2026 e, em cinco anos, 10%.

"Nossa atenção atual está direcionada à toda a América Latina e nos Estados Unidos. A linha de food service deve crescer muito. Somos, por exemplo, os fornecedores de quase toda a rede hoteleira de Punta Cana, na República Dominicana. Os principais produtos exportados hoje são cremes de avelã, recheios e coberturas também de frutas e chocolates", aponta.

Em todo o ano passado, a Bom Princípio exportou US\$ 347,4 mil, uma média de US\$ 28,95 por mês, e respondeu por 2% de todas as exportações de Tupandi. Somente em janeiro deste ano, foram comercializados US\$ 76,4 mil, ou 6,2% do total de vendas ao Exterior por empresas do município.

Um dos principais exemplos de produção de conservas gaúchas para exportação fica justamente no Vale do Caí. A partir de São Sebastião do Caí, a Oderich comercializou quase US\$ 70 milhões entre conservas de carnes e miudezas em 2025, com 26,5% destinados à Europa e 25,7% à África. E isso garante o município entre os 50 maiores exportadores gaúchos, com um crescimento de 11,5% em relação a 2024.

APICULTURA

Mel em alta na Serra Gaúcha

O "ouro negro" do Sul do Brasil está em alta em 2026 nos Campos de Cima da Serra. Trata-se do mel de melado de bracinga, produzido a partir de uma interação exclusiva entre a árvore bracinga, a cochoilha e abelhas Apis Mellifera. Este é o único mel brasileiro reconhecido com uma Denominação de Origem (DO), que abrange o Planalto Sul Brasileiro, entre Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Ao todo, são 15 municípios gaúchos listados na DO, cinco deles nos Campos de Cima da Serra. E a estimativa é de que, neste ciclo de 2025/2026 – incluindo outros tipos de mel –, se atinja na região uma média de 30 quilos de mel por colmeia, muito superior aos 17 quilos de anos anteriores. É o melhor índice nos últimos cinco anos.

O selo de mel de melado de bracinga refere-se a um produto mais escuro, menos doce, rico em minerais, que não cristaliza e possui alto valor nutricional e propriedades antioxidantes, e é encarado pelo setor como um diferencial para garantir valor agregado no mercado externo. Com o acordo entre Mercosul e União Europeia, essa perspectiva torna-se ainda mais concreta, não apenas para o mel certificado, mas todo o produzido entre os Campos de Cima da Serra, a Serra e o Vale do Paranhana. Isso porque, diferente de outras regiões com maiores índices produtivos de mel no Estado, a produção nesta macrorregião não convive em tão alto volume com produções com grande uso de defensivos agrícolas.

Hoje, uma das principais barreiras ao produto brasileiro no mercado europeu é justamente a sanitária. A União Europeia impõe limites muito baixos para resíduos de defensivos agrícolas no mel, o que pode se tornar um entrave para o produto brasileiro. As abelhas coletam néctar em lavouras onde são aplicados esses produtos, ainda que eles não causem danos diretos aos insetos. O problema está na detecção de resíduos, que muitas vezes fica em níveis aceitáveis pela legislação brasileira, mas não europeia.

Maiores produtores

FONTE: IBGE 2024

- 📍 Vacaria
- 📍 Cambará do Sul
- 📍 Taquara
- 📍 Santa Maria do Herval
- 📍 São José dos Ausentes

LATICÍNIOS

Tradição do queijo que faz diferença

Atualmente, são 20 queijarias com certificação

Eduardo Torres

Entre aqueles produtos que só podem ser encontrados na macrorregião retratada neste capítulo do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul e que, por consequência, podem fazer a diferença ao agregar valor à economia local, está o reconhecimento histórico a produção do queijo serrano, típico dos Campos de Cima da Serra e também da Serra Catarinense. É o primeiro queijo reconhecido pelo terroir da região e a cultura da produção a receber a Denominação de Origem no Brasil.

De acordo com a Emater/RS, que assessora tecnicamente os produtores locais, hoje são 20 queijarias com o produto certificado. O objetivo é chegar a 25 até o final do ano. E pode ser considerado um movimento, mesmo que iniciado há 20 anos, ainda incipiente quando considerado o potencial. A estimativa é de que entre os dois estados sejam até 1,8 mil pessoas envolvidas, com pequenas queijarias, nessa produção.

“É um trabalho de

conscientização deste produtor para as vantagens em termos de rendimentos. A certificação tem garantido, por exemplo, a sucessão familiar no campo. Hoje esse queijo está em feiras em todos os lugares. E se antes era um queijo vendido, em média, a US\$ 2 o quilo, com a certificação, chega a até US\$ 10, com uma média entre US\$ 6 e US\$ 8 por quilo”, aponta o assistente técnico regional da Emater Serra, João da Luz, que participa do trabalho de reconhecimento do queijo serrano desde o seu início, em conjunto com a Epagri, em Santa Catarina.

Reconhecido pelo Iphae como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul, e pelo INPI como uma Indicação Geográfica, este queijo tem a sua produção de maneira única. As vacas que geram a matéria-prima não podem ser alimentadas com silagem, e sim com o pasto único dos campos nativos de cima da serra. E não são vacas leiteiras, mas de corte. A receita de preparo do queijo é preservada há mais de 200 anos.

“Estamos trabalhando na manutenção das tradições de produção. É um queijo que, se for produzido em outro lugar, mesmo usando as mesmas vacas, será diferente. O que



Receita do queijo serrano gaúcho é preservada há mais de 200 anos e agrega valor à economia local

temos feito em termos de aprimoramento técnico para a produção permanente das queijarias é o estudo de espécies forrageiras naturais e raras no mundo, que garantem essa característica final no queijo”, diz.

Em média, cada queijaria consegue produzir de 10 a 15 quilos por dia, totalizando, entre as já certificadas, 300 quilos de queijo serrano diários. Uma quantidade ainda pequena e, naturalmente, não voltada à produção industrial em alta rotatividade. No entanto, é um produto, sim, encarado como potencial vitrine

à economia local.

A maior parte das queijarias gaúchas certificadas fica entre São José dos Ausentes e Jaquirana. Este ano, a primeira de Cambará do Sul recebeu seu certificado. Já há vendas representativas para butiques de queijos em São Paulo, por exemplo. E isso tem aberto o paladar e o mercado fora do Rio Grande do Sul para este queijo. No caso de algumas queijarias, até 80% das vendas já são feitas além do Mampituba.

Daí à ambição de chegar a mercados mais nobres, como a União

Maiores produtores de leite da região

(FONTE: IBGE 2024)

- 📍 Nova Bassano
- 📍 Paraí
- 📍 Carlos Barbosa
- 📍 Guabiju
- 📍 Vacaria

Europeia, aponta João da Luz, é um caminho que tende a se concretizar à medida em que se conseguir atrair mais produtores à formalização da Denominação de Origem.

Embutidos e produção de laticínios são referência na Serra Gaúcha

A tradição do queijo e do salame da Serra Gaúcha tem um dos seus símbolos na Cooperativa Santa Clara, que completa 115 anos em 2026, em Carlos Barbosa. De acordo com o diretor administrativo e financeiro da cooperativa, Alexandre Guerra, mesmo com a produção hoje espalhada entre as principais bacias leiteiras e de suínos do Rio Grande do Sul, especialmente no Alto Uruguai e Alto Jacuí, a Serra ainda é a referência

para os produtos considerados mais nobres na linha de laticínios e embutidos da cooperativa, uma questão de tradição e proteção aos produtores.

Segundo Guerra, saem da fábrica de Carlos Barbosa os chamados queijos de massa dura, requeijões, fondues e cremes. Na fábrica de embutidos e cozidos, como salames, a cooperativa investe para dobrar a capacidade de produção neste ano. A aposta nos chamados produtos

nobres é uma das fórmulas da cooperativa para enfrentar um cenário já desafiador e que pode se tornar ainda mais nebuloso com o acordo entre Mercosul e União Europeia.

“Chegamos a 360 milhões de litros produzidos em 2025 e temos um mercado interno no Brasil ainda muito grande. O problema é que este mercado brasileiro não oferece as melhores condições a quem produz aqui. Neste último ano, conseguimos

aumentar em 14% a produção leiteira e em 50 novos produtores associados à cooperativa, no entanto, nos últimos 10 anos, a cadeia produtiva achatou de 80 mil para 30 mil famílias no Rio Grande do Sul. Precisamos de apoio e proteção governamental a esse produtor, porque ele investe e já garante um padrão de qualidade da União Europeia, mas em condições de competitividade, desiguais em relação ao Mercosul”, aponta Guerra.

Segundo ele, até a metade do último ano a produção leiteira rentabiliza para o produtor. Desde então, porém, o cenário ficou mais desafiador, especialmente pelos preços baixos com que entram no mercado brasileiro os produtos lácteos dos países vizinhos. Ao mesmo tempo em que a cadeia produtiva do leite reduziu a menos da metade no Estado, a entrada de produtos do Mercosul saltou de 4% para até 10% de todo o disponível no País.

CHOCOLATE

Indicação de procedência agrega valor ao chocolate artesanal de Gramado

Em 1975, a Praver produziu o primeiro chocolate artesanal do Brasil, em Gramado. Desde então, virou tradição a compra do produto local. A cidade já é reconhecida como a Capital Nacional do Chocolate e, há cinco anos, a Associação da Indústria e Comércio de Chocolates de Gramado (Achoco) chegou à oficialização da Indicação de Procedência, certificação que garante mais um diferencial de

valor agregado ao principal destino turístico do Estado.

“O consumidor tem reconhecido o diferencial do nosso produto, que apresenta todas as características da indicação, em relação a outros chocolates, mas é um trabalho de formiguinha. Ainda é uma parcela restrita do consumidor, porque, naturalmente, o custo acaba sendo mais elevado. Mas, mesmo antes da certificação, já trabalhávamos

com um produto diferenciado”, diz o presidente da Achoco, Fabiano Contini.

Para ser considerado chocolate artesanal de Gramado, o produto tem que ter, no mínimo, 25% de derivados do cacau no caso do chocolate branco, e de 35% no ao leite. O diferencial se dá, no entanto, naqueles com maiores teores de cacau. O chocolate artesanal certificado de Gramado não tem

gordura ou aditivos que compensem o cacau e, claro, precisam ser fabricados no município.

Depois de um período de alta nos insumos do chocolate, que afetou toda a cadeia produtiva, em 2025 houve uma estagnação nos preços do cacau, o que, naturalmente, impacta na produção de Gramado. A associação projeta aumento de 10% na produção de chocolates artesanais certificados para o ano.

Há, no entanto, uma mudança em andamento no perfil das chocolaterias para garantir melhores resultados. Se antigamente o turista em visita a Gramado tinha o chocolate como um consumo de impulso, complementar às demais atrações, aos poucos os produtores inovam e oferecem o turismo de experiência. As empresas também têm investido no e-commerce e na abertura de lojas fora da cidade.

INDÚSTRIA

Ônibus gaúchos vão circular na Europa

Quase 40% de todas as exportações de Caxias do Sul em 2025 saíram das duas plantas industriais da Marcopolo

Eduardo Torres

Quase 40% de todas as exportações de Caxias do Sul em 2025 saíram das duas plantas industriais da Marcopolo. Somente no envio de carrocerias ao exterior, a empresa, que é referência no mercado, registrou uma alta de 63,2% em relação a 2024, tendo movimentado US\$ 227,8 milhões somente neste setor.

Países da América do Sul foram os principais destinos da produção. Em 2026, com a perspectiva de concretização do já aprovado acordo entre Mercosul e União Europeia, e com a instabilidade nos países vizinhos, a gigante da Serra retorna ao continente europeu, e tende a se consolidar.

Um acordo foi firmado com a Volvo, que produz os chassis para a montagem de ônibus na unidade de Ana Rech, em Caxias do Sul. Após algumas adaptações na linha de montagem, a expectativa é entregar os primeiros 15 veículos neste ano e, nos próximos cinco anos, chegar a 300 ônibus com a tecnologia Marcopolo enviados à Europa. Neste primeiro momento, nos mercados da França e Itália.

“Não será a nossa primeira experiência. Já tivemos uma operação

em Portugal, quando percebemos um mercado muito competitivo e com fábricas integrais (produziam chassis e carrocerias). Essa tendência das integrais, porém, mudou, e voltamos a olhar para aquele importante mercado. Depois de enviarmos equipes de engenharia para sondar a região, percebemos, na nossa presença em feiras europeias, que o nosso G8 estava sendo muito bem aceito. Avançamos até um acordo com a Volvo e deveremos ter as primeiras vendas do modelo Paradiso 1200 no primeiro trimestre de 2027”, explica o diretor de operações internacionais da Marcopolo, José Luiz Goes.

Segundo Goes, a forma como se produz por aqui faz a diferença também no mercado europeu. “Eles se surpreendem com a flexibilidade que conseguimos ter na linha de produção, além do design vencedor que se faz aqui. As nossas poltronas, por exemplo, são muito mais confortáveis do que o que se vê na Europa. Além claro, do protagonismo que temos em relação a tecnologias como veículos adaptáveis a novos combustíveis”, completa.

Ainda levará alguns anos para que as tarifas a este tipo de produto, de fato, sejam reduzidas entre o Mercosul e a União Europeia. Hoje, aponta o diretor, haverá perda de competitividade ao enviar os veículos inteiros montados aqui para a Europa, a partir dos chassis recebidos da Volvo. Entre os planos da empresa está, provavelmente para

2028, inverter essa cadeia, com o envio das carrocerias aos montadores europeus.

Com a perspectiva de que em 2026 as vendas para países como Argentina e Peru, que dominaram o cenário do último ano, sofram redução, mesmo que o mercado europeu ainda não seja um espaço concreto de faturamento para a Marcopolo e toda a economia de Caxias do Sul – o continente respondeu por apenas 2% das exportações do município em 2025 –, a integração com aquele mercado é considerada estratégica para o protagonismo da Marcopolo no Brasil e em outras regiões do planeta.

“Quando nos habilitamos a entrar na Europa, estamos aptos às normativas de lá, que geralmente estão mais avançadas do que no Brasil. Por exemplo, já produzimos adequados à normativa europeia de resistência a chamas. Faz a diferença quando buscamos outros mercados e também, no momento em que as normas avançam no Brasil, nós saímos na frente, com a produção já perfeitamente adequada. Essa busca por novos mercados, com novas exigências sempre reverte em ganho de competitividade à Marcopolo”, aponta José Luiz Goes.

O Oriente Médio e a África, por exemplo, estão entre os objetivos da empresa da Serra neste ano. E, especialmente na América Latina, a empresa prepara lançamentos nas linhas de ônibus elétricos, híbridos e a gás.

Oportunidade para renovar o parque industrial

E se o mercado europeu se apresenta, com o avanço do novo acordo comercial, como uma oportunidade aos produtos industriais da Serra, onde está o maior polo metalmeccânico do Rio Grande do Sul, o setor também vê nesta abertura uma oportunidade de modernizar a sua produção com ganhos de competitividade.

“Especialmente no segmento de maquinário e ferramentaria, abre-se uma possibilidade de ganhos em uma via dupla. Tanto para a abertura de mercados para produtos que saem prontos daqui, quanto para a modernização dos nossos parques industriais”, aponta o presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul e Região (Simecs), Paulo Joel Scopel.

A estimativa é de que, mesmo sendo a principal concentração industrial do setor no RS, a região tenha seus parques industriais com média de 28 anos no tempo de uso do maquinário. A Europa é origem de equipamentos de referência tecnológica para segmentos como fabricação de máquinas agrícolas, domésticas e de transformação de bens.

“Hoje, além do custo, com uma máquina de € 100 mil chegando aqui a € 150 mil, na produção, perdemos em velocidade em relação a concorrentes de outros lugares, por

exemplo, e que têm acesso a maquinário mais moderno e com cargas tributárias reduzidas. Boa parte da modernização dos parques industriais tem origem asiática, que evolui muito, mas as europeias, especialmente em usinagem, são de ponta”, explica Scopel.

A partir das primeiras informações sobre o acordo Mercosul-União Europeia, a perspectiva do Simecs é de que haja uma redução de pelo menos 20% no custo de máquinas e equipamentos, que poderão refletir em até 25% de ganhos finais na produção.

Ainda sem este novo cenário, hoje, a produção metalmeccânica é responsável pelos maiores volumes de exportações de cinco dos dez maiores municípios exportadores da macrorregião retratada neste capítulo do Mapa Econômico do RS. Em Caxias do Sul – 8º maior município exportador do Estado em 2025 –, houve crescimento de 20,3% nas vendas externas em relação a 2024, com 51,8% das exportações entre carrocerias, reboques e peças para veículos. Em Montenegro, no Vale do Caí, 13º exportador do RS, 55,1% dos embarques foram de tratores e automóveis, enquanto em Farrouilha e Carlos Barbosa, com sedes da Tramontina, as exportações de artefatos domésticos e ferramentas predominaram.

Produção mais limpa e competitiva

A Tramontina foi uma das empresas afetadas em suas exportações em 2025 pelo tarifaço dos Estados Unidos. Em Carlos Barbosa, 22% das vendas ao exterior foram para os norte-americanos. Agora, a empresa vive a expectativa de que o futuro acordo comercial UE-Mercosul dê maior competitividade aos seus produtos na Europa, especialmente facas, talheres, panelas, frigideiras e porcelanas. Facas e porcelanas, por exemplo, hoje têm a maior carga de impostos na Europa dentro do mix de produtos da empresa.

“Caso as expectativas positivas se confirmem, a demanda pelas linhas de produtos que já se destacam na Europa deve aumentar. Estamos falando de facas domésticas e profissionais, frigideiras e panelas de alumínio e aço inox, talheres em geral, utensílios de cozinha e lixeiras em aço inox. Temos hoje presença em todo continente europeu, com cinco

unidades próprias na Espanha, França, Alemanha, Letônia e Reino Unido. Claro que este também será um desafio pela entrada mais facilitada de produtos no mercado brasileiro, então, será ainda mais essencial nos mantermos atualizados com as expectativas do mercado, tendências de consumo e planejamento”, avalia o diretor de mercado externo da Tramontina, Jandir Brock.

Neste ano, a empresa iniciou a construção da sua planta de produção de hidrogênio verde, com aporte estimado em R\$ 43 milhões, junto à unidade de cutelaria, em Carlos Barbosa. A iniciativa coloca a indústria da Serra na vanguarda no setor em relação à produção mais limpa. A unidade poderá chegar a até 500 quilos de hidrogênio verde produzido de alta pureza. O gás será aplicado, inicialmente, na logística interna da divisão de Starflon, alimentando empilhadeiras e veículos industriais com combustível limpo.



Marcopolo deve entregar em 2026 os primeiros 15 veículos e, em até 5 anos, totalizar 300 ônibus ao mercado europeu

INDÚSTRIA CALÇADISTA

Calçados ampliam empregos e abrem mercados no Vale do Paranhana

Abicalçados avalia que acordo comercial será favorável aos calçadistas brasileiros

Eduardo Torres

Entre as principais economias da região, Igrejinha, no Vale do Paranhana, foi o município que experimentou a maior variação do PIB local entre 2021 e 2023 (último ano do levantamento municipal), com um aumento de 40,6% no período. Mesmo apostando na variação da matriz econômica, a cidade ainda tem o setor calçadista como carro-chefe. De acordo com a administração municipal, 40% dos empregos locais estão no setor, e metade da arrecadação também vem da produção de calçados.

Dados da Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados) apontam que, em 2024, Igrejinha foi o 14º município com maior volume de empregos na indústria do calçado em todo o País — o segundo entre o Vale do Paranhana e a Serra. Eram 5 mil pessoas empregadas no

Municípios que mais empregam no setor calçadista

► 22,3% da produção calçadista do Rio Grande do Sul sai das indústrias do Vale do Paranhana, da Serra e das Hortênsias. Foram 46,9 milhões de pares produzidos em 2024.

► As regiões empregam 26,9 mil pessoas entre 665 empresas do setor. Em Igrejinha, concentram-se 5 mil postos de trabalho na indústria calçadista.



Calçados Beira Rio mantém em Igrejinha a produção de sua marca mais valorizada, a Vizzano

setor. Ao todo, a indústria calçadista empregava, em 2024, 26,9 mil pessoas entre as duas regiões produtoras abordadas neste capítulo do Mapa Econômico, com 665 empresas ativas. Foram produzidos 40 milhões de pares no Vale do Paranhana naquele ano — o maior volume desde 2021 — e outros 6,9 milhões de pares na Serra.

É neste contexto que a Calçados Beira Rio mantém em Igrejinha a produção da sua marca mais valorizada nos mercados nacional e internacional. Saem da planta industrial da Beira Rio em Igrejinha os calçados da marca Vizzano.

“Temos uma relação muito boa com Igrejinha, além da nossa própria planta industrial, temos importantes parceiros terceirizados no município, que participam desde a fase de

costura à montagem dos calçados. O resultado é que a Vizzano é muito valorizada em todo o mercado”, explica o diretor industrial da Calçados Beira Rio, João Heinrich.

Segundo ele, a produção em Igrejinha responde por até 15% do faturamento da marca. A empresa opera ainda com indústrias em outros oito municípios gaúchos, produzindo ainda as marcas Beira Rio, Activitta, Modare Ultraconforto, Molekinha, Moleca e BR Sport.

A unidade de Igrejinha é a única no Vale do Paranhana, e é considerada estratégica nos planos da empresa em avançar no mercado externo, especialmente com a possibilidade do acordo Mercosul-União Europeia.

A produção, segundo Heinrich, deve crescer em torno de 2,5% entre

Ranking nacional

FONTE: ABICALÇADOS 2024

► **Parobé** 6,3 mil empregos (10º do Brasil)

► **Igrejinha** 5 mil empregos (14º do Brasil)

► **Três Coroas** 3,8 mil empregos (20º do Brasil)

► **Rolante** 3,7 mil empregos (22º do Brasil)

todas as unidades da Beira Rio em 2026, chegando a 120 milhões de pares.

Ao longo de 2026, a Beira Rio projeta investir até R\$ 70 milhões nestes processos. Hoje, a empresa exporta para mais de 100 países, e as vendas ao exterior correspondem a até 15% do faturamento total da empresa. O RS exporta 33% dos calçados brasileiros.

Principais exportadores da Macrorregião Serra

► **Caxias do Sul** (8º do RS em 2025) movimentou US\$ 841,7 milhões, com crescimento de 20,3% em relação a 2024; 51,8% em carrocerias, reboques, partes e veículos; 67,6% das exportações para a América do Sul

► **Montenegro** (13º do RS em 2025) movimentou US\$ 414,6 milhões, com crescimento de 1,9% em relação a 2024; 55,1% em tratores e automóveis; 66,6% das exportações para a América do Sul

► **Carlos Barbosa** (15º do RS em 2025) movimentou US\$ 280,7 milhões, com redução de 10,2% em relação a 2024; 83% em artefatos domésticos, facas e ferramentas; 22% das exportações para os Estados Unidos

► **Bento Gonçalves** (28º do RS em 2025) movimentou US\$ 111,7 milhões, com crescimento de 3,3% em relação a 2024; 51,8% em móveis e partes de móveis; 57,9% das exportações para a América do Sul

► **Igrejinha** (35º no RS em 2025) movimentou US\$ 94,7 milhões, com crescimento de 8,2% em relação a 2024; 60,9% em calçados; 68,1% das exportações para a América do Sul

► **Farroupilha** (36º no RS em 2025) movimentou US\$ 91,3 milhões, com redução de 3,9% em relação a 2024; 48% em artefatos domésticos, talheres e ferragens, 16,2% em embalagens de papel; 64% das exportações para a América do Sul

► **Garibaldi** (38º do RS em 2025) movimentou US\$ 87,6 milhões, com redução de 8,2% em relação a 2024; 46% em rações, alimentos e bebidas, 31,7% em ferramentas; 65,8% das exportações para a América do Sul

► **Nova Prata** (40º do RS em 2025) movimentou US\$ 87,2 milhões, com redução de 21,3% em relação a 2024; 83,5% em pneumáticos e borrachas; 23% das exportações para os Estados Unidos

► **São Sebastião do Caí** (44º no RS em 2025) movimentou US\$ 72,1 milhões, com crescimento de 11,5% em relação a 2024; 93,2% em conservas, carnes e miudezas; 26,5% das exportações para a Europa

► **Flores da Cunha** (48º no RS em 2025) movimentou US\$ 60,1 milhões, com crescimento de 9,3% em relação a 2024; 26,4% em guindastes e motores, 25,9% em vinhos, sucos e álcool etílico; 64% das exportações para a América do Sul

FONTE: MINISTÉRIO DO COMÉRCIO EXTERIOR

INDÚSTRIA

Fábrica de embalagens plásticas da Serra Gaúcha mira novos mercados

Ana Stobbe

A fábrica de embalagens plásticas Galvanotek já é consolidada em Carlos Barbosa, na Região da Serra. Há mais de 30 anos no mercado, tem buscado se tornar ainda mais conhecida regionalmente. Em uma perspectiva de crescimento gradual, planeja ampliar sua produção ainda neste ano e ingressar em um novo mercado em 2027: o de embalagens de papel. Para isso, está prevista a inauguração de uma nova planta industrial, no município

vizinho, Barão, onde já há sua filial. A operação iniciará no próximo ano, ocupando um espaço de 26 mil metros quadrados e ampliando ainda mais o quadro de funcionários, que já conta com 850 contratados.

Hoje, 6 mil toneladas de plástico são transformadas em embalagens a cada mês, somando o volume produzido pelas duas plantas da Galvanotek. Em 2026, 25 novos produtos devem entrar no catálogo da empresa, enquanto outros 25 serão reformulados. E, é claro, as linhas de produção serão adaptadas

e ampliadas, crescendo, também, a capacidade industrial.

Isso deverá ser realizado a partir de novos maquinários. A empresa tem, ainda, investido em tecnologia e inovação. O design dos produtos é um dos principais focos da marca para os próximos anos. E está em curso uma modernização com a atualização do layout de parte da atual planta de Carlos Barbosa.

“Temos mais de 5 mil clientes ativos, com distribuidores em vários lugares do País. Quando olhamos para a capacidade de produção e expansão,

temos que olhar para esse canal de distribuição. Então, planejamos a expansão para os próximos cinco anos, com a perspectiva de expandir a capacidade produtiva e o portfólio. E vai ser um investimento bem expressivo”, pontua o coordenador de vendas da Galvanotek, Jeancarlo Piccinini.

A empresa abastece grandes redes supermercadistas, indústrias como Tramontina e Santa Clara, grupos do varejo e redes de fast food, e conta com 120 representantes, que leva a empresa para todo o Brasil e 18 países.

INDÚSTRIA MOVELEIRA

Fábricas de móveis buscam estabilidade após estagnação com tarifaço

No polo moveleiro de Bento Gonçalves, faturamento real das empresas cresceu apenas 0,93% em 2025

Ana Stobbe

Ao todo, o Rio Grande do Sul comporta 2,4 mil indústrias de móveis. Delas, cerca de 300 ficam localizadas no polo moveleiro de Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha, que também inclui as cidades de Monte Belo do Sul, Pinto Bandeira e Santa Tereza.

Conforme uma estimativa da Secretaria da Fazenda, entretanto,

em 2025, houve uma estagnação nesse conglomerado: corrigindo pela inflação, o aumento no faturamento real das empresas do setor na região foi de apenas 0,93%.

O polo moveleiro resiste, mas com baixas. Afinal, os Estados Unidos representavam o maior mercado internacional do setor. E, com as tarifas de 40% aplicadas por Donald Trump sobre os móveis brasileiros, a competitividade foi afetada.

O impacto na Serra foi maior do que no Estado, conforme explica o vice-presidente da Associação das Indústrias de Móveis do Rio Grande do Sul (Movergs), Basilio Vivan.



Estados Unidos representavam o maior mercado internacional do setor no Rio Grande do Sul

"O setor no RS teve um crescimento nominal de 6,48%, e um crescimento real de 2,22%. As exportações caíram 3,3%, apenas. Se considerarmos o polo de Bento, caiu um pouco mais, com um valor de 7%. Agora, ao olharmos para os Estados Unidos, retraiu 34% nas exportações", explica. As perdas foram, em parte, mitigadas pelo aumento nas importações por mercados latino-americanos.

Mas, ao colocar na balança, a conta não fecha. E as empresas

começaram a tomar atitudes drásticas: redução das linhas de produção, paralisações e redução do quadro funcional foram algumas delas. Não é à toa que houve uma retração de 2,27% no número de trabalhadores no polo moveleiro de Bento Gonçalves ao final de 2025 em relação ao mesmo período de 2024.

Por isso, para Vivan, 2025 foi o ano da resiliência. E 2026 deve ser o de colocar a casa em ordem. Afinal, as tarifas reduziram quase

à normalidade. "É o momento de buscar eficiência. Temos muita escassez de mão de obra e o custo está muito alto. Mas vemos os fabricantes fazendo a lição de casa e se organizando, investindo em automação e melhoria dos processos. É um ano de retomada, para se equilibrar. Não tem perspectiva de crescimento, mas de buscar estabilidade e trabalhar para melhorar a eficiência, a competitividade e o controle de custos", avalia.

Empresas tiveram compras canceladas após sobretaxas

Em Bento Gonçalves, a Móveis Delucci realizou, ao longo dos últimos anos, uma intensificação nas relações com os Estados Unidos para a exportação dos produtos. Com foco em mobiliário corporativo, a empresa conquistou um importante mercado, incluindo uma rede de churrascarias brasileira presente no país. Quando Donald Trump iniciou as sanções econômicas, cerca de 20% do faturamento da indústria vinha das exportações aos EUA.

"No início do ano passado, em três meses, chegamos a exportar oito contêineres para lá. Estávamos

indo super bem. Com o advento do tarifaço, simplesmente tivemos todos os pedidos cancelados. Foi um choque. Tudo parou", conta a CEO da Delucci, Cíntia Weirich.

Com a redução das tarifas ao patamar atual, foi possível retomar a competitividade. Mas voltar a conquistar o mercado consumidor é uma atividade morosa.

"Começamos a ter alguns pedidos. Agora, em abril, embarcamos dois contêineres. Mas, quando sobe a tarifa, o custo aumenta consideravelmente e a parada é abrupta. Já quando baixa a tarifa, a

retomada é mais cautelosa, porque os clientes já foram atrás de outros fornecedores no período em que não compraram da gente. Tem que renegociar contratos e ter a certeza de que essa queda das tarifas é estável, que elas não voltem a ocorrer novamente", explica Cíntia.

No caso da Delucci, a perda das compras no exterior foi mitigada, em partes, por um redirecionamento de produtos ao mercado interno. Entretanto, em 2026, a expectativa da empresária é que reduza a demanda dos clientes brasileiros devido a um contexto macroeconômico marcado

pela gradativa implementação da reforma tributária, pelo período eleitoral e pela Copa do Mundo.

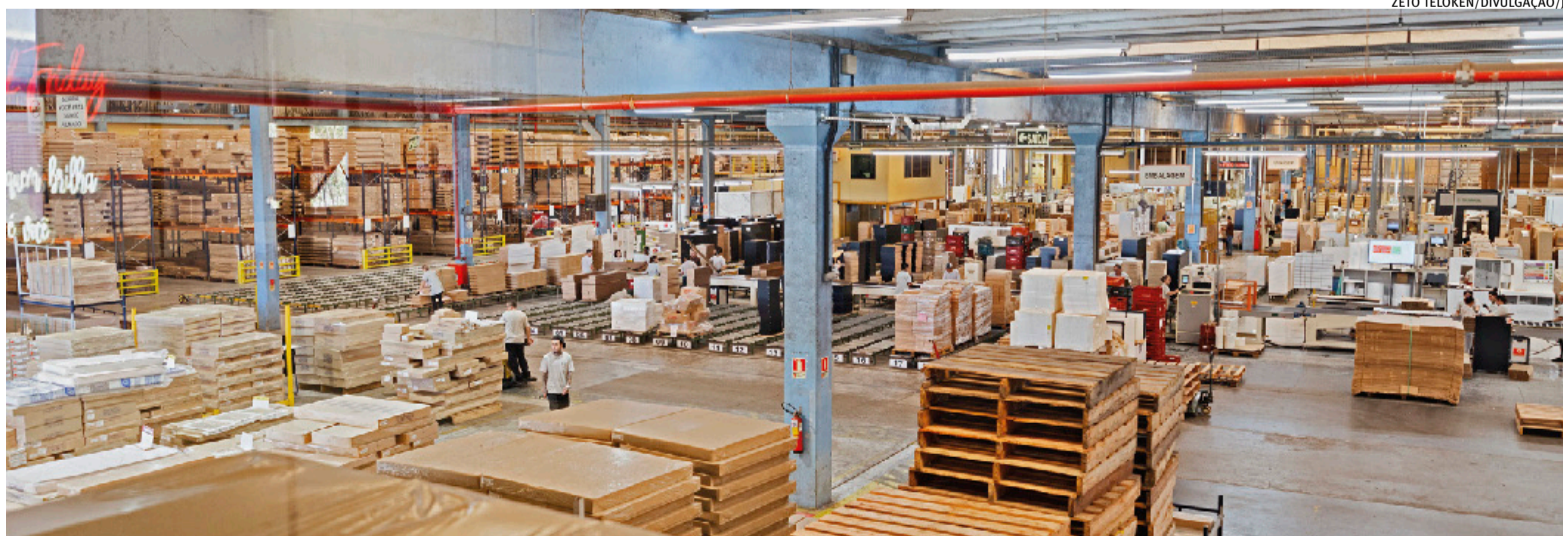
A Multimóveis, também em Bento Gonçalves, por sua vez, foi impactada de outra forma: pelas exportações a Porto Rico. "Eles têm a mesma legislação que a dos Estados Unidos. E exportamos bastante coisa para lá. Representa praticamente 6% do nosso faturamento de exportação. Com a redução das taxas, voltaram a comprar de nós porque a logística de importar do Brasil é mais fácil para eles", relatou o empresário Euclides Longhi.

Perspectiva é de abertura de novos mercados com Acordo Mercosul-UE

A partir do dia 1º de maio deste ano, o acordo comercial entre os países do Mercosul (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai) e da União Europeia começará a ser aplicado provisoriamente. Assim, os blocos econômicos terão benefícios recíprocos implementados gradativamente nas transações internacionais.

Com ele, o setor moveleiro espera conquistar competitividade frente às indústrias europeias, com menores tarifas para o comércio exterior. A expectativa é positiva. Entretanto, ainda é necessário compreender como isso funcionará na prática.

"Com certeza vai gerar um impacto positivo, mas a médio e longo prazos. Vai depender de uma série de fatores, como a questão cambial do futuro e com o trabalho das empresas nesses mercados. Nesse momento, tem, ainda, toda uma instabilidade em função das guerras", avalia o vice-presidente da Movergs.



Para superar perdas com o tarifaço, o setor passou a buscar novos mercados; a retomada dos contratos não segue o ritmo anterior

MALHA AÉREA

Raio-X da aviação regional na Serra Gaúcha

Infraestrutura aérea combina operação ativa, gargalos estruturais e projetos que podem redefinir a logística do interior do Estado

Gabrieli Silva

A aviação regional na Serra Gaúcha opera hoje em múltiplas camadas: aeroportos com voos comerciais regulares, aeródromos voltados à aviação executiva e formação de pilotos, além de projetos estruturantes que prometem reposicionar o papel da região no mapa logístico do Rio Grande do Sul.

A experiência durante as enchentes de 2024 evidenciou a importância estratégica dessa



ANDRÉ MAIOLA/DIVULGAÇÃO/JC

Nova pista do aeródromo de Bento Gonçalves

malha – tanto para o transporte de passageiros quanto para operações emergenciais e logística de insumos. Apesar dos avanços, limitações regulatórias, estruturais e de escala ainda restringem a expansão. Ao mesmo tempo,

investimentos públicos e articulações com a iniciativa privada indicam um movimento consistente de fortalecimento da aviação regional como vetor de competitividade, turismo e desenvolvimento econômico.

Vila Oliva – o futuro da aviação na Serra

Planejado para ser o principal aeroporto regional da Serra, o projeto de Vila Oliva representa uma mudança na infraestrutura aérea do interior do Estado. Diferente do atual aeroporto urbano, foi concebido para permitir expansão, operação de aeronaves maiores e desenvolvimento logístico em escala regional. A primeira fase da obra está em processo de licitação, com investimento estimado em R\$147 milhões via recursos federais. A execução deve levar 36 meses após a ordem de início. A futura concessão à iniciativa privada definirá o modelo de operação.

Ficha técnica

- **Tipo:** aeroporto regional (greenfield – novo)
- **Pista:** (prevista) superior a 2.000 m
- **Operação:** projetada para IFR | diurna e noturna
- **Capacidade:** aeronaves comerciais de maior porte
- **Movimentação:** projeção de até 2 milhões de passageiros/ano
- **Função:** passageiros e cargas
- **Status:** em licitação (1ª fase)
- **Projetos:** implantação completa do complexo aeroportuário
- **Gestão:** futura concessão (a definir)

Canela – a aposta no turismo e na aviação executiva

O Aeroporto de Canela entrou definitivamente na agenda econômica da Região das Hortênsias após a Infraero assumir sua gestão em 2024 e iniciar um ciclo de investimentos para viabilizar a retomada de voos regulares. Com cerca de R\$ 20 milhões já aplicados, o terminal passou por requalificação completa da pista, ampliação estrutural e instalação de sistemas de auxílio à navegação. Hoje está operacional, mas ainda depende da entrada de companhias aéreas e da construção de um terminal de passageiros para iniciar operações comerciais regulares.

Ficha técnica

- **Tipo:** aeroporto regional
- **Pista:** 1.200 m x 30 m | asfalto
- **Operação:** VFR (em transição para IFR) | diurna
- **Capacidade:** aeronaves de pequeno e médio porte
- **Movimentação:** sem voos regulares atualmente
- **Função:** turismo, executivo e potencial comercial
- **Status:** operacional (aguardando voos comerciais)
- **Projetos:** terminal de passageiros e ampliação operacional
- **Gestão:** Infraero

Bento Gonçalves – estrutura pronta à espera de homologação

O aeródromo de Bento Gonçalves avança para se consolidar como um ativo estratégico para a economia local e regional. Com infraestrutura praticamente concluída, o terminal aguarda as etapas finais de homologação para ampliar sua operação.

A estrutura já atende à aviação executiva e tem forte conexão com o turismo de negócios e o enoturismo – pilares econômicos do município. A demanda por voos tende a crescer especialmente em períodos de grandes eventos, quando a mobilidade aérea se torna diferencial competitivo.

O desafio agora é avançar nas etapas regulatórias e integrar o equipamento a uma estratégia logística mais ampla.

Ficha técnica

- **Tipo:** aeródromo público
- **Pista:** 1.260 m x 30 m | asfalto
- **Operação:** VFR diurno
- **Capacidade:** aeronaves de até 15 toneladas
- **Movimentação:** aviação executiva e geral
- **Função:** turismo, executivo e apoio emergencial
- **Status:** em fase final de homologação
- **Projetos:** terminal de passageiros e ampliação operacional
- **Gestão:** Prefeitura de Bento Gonçalves

Caxias do Sul – o principal hub regional

Principal porta de entrada aérea da Serra Gaúcha, o Aeroporto Regional Hugo Cantergiani consolidou-se como o segundo mais movimentado do Estado em número de passageiros e um dos principais ativos logísticos do interior. A relevância do terminal ficou ainda mais evidente durante as enchentes de 2024, quando assumiu papel central no recebimento e distribuição de ajuda humanitária, medicamentos e equipamentos, além de operações médicas.

Com voos regulares operados pela Gol e Azul, o aeroporto atende tanto à demanda corporativa quanto ao turismo regional, permitindo conexões rápidas com grandes centros, como São Paulo.

Apesar da estrutura consolidada, o aeroporto opera sob restrições regulatórias da Anac que limitam o número de movimentos semanais. A localização em área urbana

Ficha técnica

- **Tipo:** aeroporto regional público
- **Pista:** 1.670 m x 30 m | asfalto
- **Operação:** IFR | diurna e noturna
- **Capacidade:** aeronaves comerciais de médio porte
- **Movimentação:** 3 voos regulares diários
- **Função:** passageiros, cargas e apoio emergencial
- **Status:** operacional (com restrições regulatórias)
- **Projetos:** adequações para ampliação de capacidade e rotas
- **Gestão:** Prefeitura de Caxias do Sul

também impõe barreiras físicas à expansão. Ainda assim, o município vem investindo em melhorias como recapeamento da pista, implantação de sistemas de auxílio à navegação e reforço na segurança operacional, buscando ampliar gradualmente sua capacidade.

Nova Prata – infraestrutura pronta para expansão operacional

Com atuação consolidada na aviação executiva e aeromédica, o aeródromo de Nova Prata cumpre papel relevante na mobilidade regional e no suporte à saúde. A estrutura atende empresários, indústrias e serviços médicos, conectando o município a centros de maior complexidade. Apesar da operação regular, ainda busca ampliar sua escala. Projetos como a implantação de balizamento noturno e a expansão da pista visam aumentar a capacidade operacional e viabilizar voos comerciais regionais.

Ficha técnica

- **Tipo:** aeródromo municipal
- **Pista:** 1.100 m x 18 m | asfalto
- **Operação:** VFR diurno
- **Capacidade:** aeronaves de pequeno porte
- **Movimentação:** cerca de 20 operações/mês
- **Função:** executivo, aeromédico e apoio logístico
- **Status:** operacional
- **Projetos:** balizamento noturno e ampliação de pista
- **Gestão:** Prefeitura de Nova Prata

Veranópolis – formação de pilotos e aviação regional ativa

Com forte tradição na formação de pilotos, o aeródromo de Veranópolis é operado pelo aeroclube local e mantém fluxo constante de voos de instrução, além de atender à aviação executiva e serviços essenciais. A escola de aviação é um dos pilares da operação e contribui para a formação de profissionais que atuam em todo o país.

A estrutura, no entanto, possui limitações operacionais importantes. A ausência de balizamento noturno restringe as atividades ao período diurno, enquanto a falta de instrumentos de navegação impede operações em condições meteorológicas adversas.

Mesmo com restrições e sem possibilidade de expansão significativa devido ao relevo, o aeródromo

Ficha técnica

- **Tipo:** aeródromo
- **Pista:** 1.000 m x 18 m | asfalto
- **Operação:** VFR diurno
- **Capacidade:** aeronaves de pequeno e médio porte
- **Movimentação:** instrução e voos executivos
- **Função:** formação de pilotos, executivo e aeromédico
- **Status:** operacional
- **Projetos:** implantação de balizamento noturno
- **Gestão:** Aeroclube de Veranópolis (com apoio municipal)

segue sendo um ativo relevante para a economia local, especialmente pela agilidade que proporciona a empresas e serviços de emergência.

INFRAESTRUTURA

Perdas logísticas desafiam a economia da região serrana

Trechos não duplicados são o principal gargalo para escoar produção da Serra para outras partes do Estado e para os portos

Eduardo Torres

Mesmo com o segundo maior PIB do Rio Grande do Sul e no centro do maior polo metalmeccânico do Estado, Caxias do Sul e a Serra Gaúcha vivem, nos últimos anos, o desafio da perda de competitividade, em boa parte, como consequência dos problemas logísticos da região. No segmento de ferramentaria, que já teve a cidade como o principal centro produtor do País, a principal concorrência está na região de Joinville, Santa Catarina. E o comparativo para receber matérias-primas e escoar a produção é preocupante.

"Somente em relação àquela região catarinense, hoje estamos enfrentando uma perda de 30% em poder competitivo. Não bastasse a maior proximidade com São Paulo, todos os ramais logísticos deles, hoje, têm vantagem em relação à Serra. Enquanto não tivermos estradas adequadas, vamos continuar com dificuldades para chegar ao centro do país e às exportações", explica o presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul e Região (Simecs), Paulo Joel Scopel.

Ele é CEO da Inova Indústria de Matrizes, que atua no segmento de ferramentaria, e exemplifica o tamanho do gargalo para a indústria da região: "Toda a BR-101 tem pista dupla, por exemplo, mas na Rota do Sol (RSC-453/ERS-486), que é a nossa principal ligação com essa faixa litorânea, não tem pista duplicada. Se fosse, o custo do transporte seria muito mais econômico e ágil. E temos ainda a



CAMILA DOMINGUES/DIVULGAÇÃO/JC

CIC Caxias irá custear e doar ao Estado um estudo para uma modelagem de concessão da Rota do Sol

dificuldade do caminho até Porto Alegre, também com boa parte do trajeto não duplicado".

De acordo com o diretor-presidente da concessionária Caminhos da Serra Gaúcha (CSG), Ricardo Peres, o fluxo entre as rodovias do eixo da Serra e Vale do Caí não tem acompanhado o ritmo do PIB da região, registrando em 2025 movimentação estável e com leve redução. Foram 5 milhões de veículos comerciais cruzando os pontos de free flow no bloco de rodovias, uma média 416,6 mil cruzando todos os postos por mês (considera medidas dos 6 pontos, em alguns casos, o mesmo veículo cruza mais de um deles), representando uma queda de 10% em relação à média mensal de 2024. Em 2025, os veículos comerciais representaram 26,5% do fluxo, em 2024, era 27,7% neste pólo rodoviário.

A tendência é de que, sem novas soluções rodoviárias, o problema para escoar cargas seja agravado a partir do momento em que, finalmente, o Aeroporto de Vila Oliva terá as suas obras iniciadas e o Porto do Meridional, em Arroio do Sal, também avança em seu projeto. Neste ano, o Governo do Estado investe, por meio do Funrigs, R\$ 390 milhões na recuperação da atual estrutura da Rota do Sol. O primeiro trecho, entre Tainhas e Terra de Areia, teve ordem de início assinada em janeiro, com aporte de R\$ 134 milhões.

Apesar de melhorar a infraestrutura, o investimento não representará mudanças logísticas no principal eixo rodoviário entre o polo industrial da Serra, o futuro aeroporto e o futuro porto. Paralelamente, no ano passado o Centro das Indústrias de Caxias do Sul (CIC Caxias) levou adiante a

proposta de custear e doar ao Estado um estudo estimado em R\$ 5 milhões para uma modelagem de concessão da Rota do Sol e possível projeto para duplicação da estrada.

"A Rota do Sol é uma artéria de cargas, e isso vai se ampliar com o porto e o aeroporto. Não é mais uma rodovia de passeio, mas de transporte logístico, e precisamos estar atentos a isso", diz o presidente do CIC Caxias, Celestino Loro.

Está previsto para junho deste ano o leilão do Bloco 2 para concessão de rodovias do Estado (aconteceria em março, mas o leilão foi adiado). A RSC-453 entra no pacote, no entanto, somente em seu trecho em direção ao Vale do Taquari, abrangendo, na Serra, os municípios de Garibaldi e Carlos Barbosa – e sem duplicação prevista.

Duplicações começam neste ano

Enquanto não há um denominador comum entre a concessionária CSG e o governo do Estado em relação ao reequilíbrio econômico da concessão após os custos com a recuperação de rodovias durante a cheia de 2024, o plano de duplicação das estradas no polo que envolve estradas da Serra e Vale do Caí avança, mas em marcha bem mais lenta do que o inicialmente planejado.

Nos próximos meses deve ser concluída a ponte duplicada sobre o Arroio Tega, em Caxias do Sul, primeiro trecho do contorno norte da cidade a ser duplicado na ERS-122.

A concessionária investe R\$ 250 milhões em obras de duplicação este ano, que incluem ainda o início das obras de duplicação de 18 quilômetros entre Farroupilha e Bento Gonçalves, na RSC-453. Até o fim de 2026, o plano da CSG é chegar a 40% da obra executada. A CSG é responsável pela administração de 271 quilômetros em trechos das ERSs 122, 240 e 446, das RSCs 287 e 453 e da BRS-470.

Outras obras importantes em 2026

📍 **Viaduto da BR-116 em Caxias do Sul:** Governo Federal confirmou que investirá R\$ 70 milhões para a construção de um viaduto de 500 metros para separar o fluxo da rodovia do tráfego de acesso local ao município. O trecho deverá permanecer duplicado e elevado nos dois sentidos.

📍 **BR-285:** Está prevista para setembro a entrega do lado gaúcho da rodovia, que liga São José dos Ausentes, nos Campos de Cima da Serra, a Santa Catarina, por parte do DNIT. A obra recebe R\$ 120 milhões, com 8 quilômetros no RS, incluindo a construção da ponte sobre o Rio das Antas, com 400 metros. Ao todo, a obra tem 30 quilômetros. A rodovia é fundamental para o escoamento da produção.

📍 **ERS-427 e ERS-020:** Governo do Estado investe R\$ 179,1 milhões em pavimentações das ligações regionais da ERS-020, entre São José dos Ausentes e Cambará do Sul, e da ERS-427, entre Cambará do Sul e o Parque Nacional Aparados da Serra, fundamental para fomentar o turismo na região.

Terminal Rodoferroviário volta à pauta

Se os aeroportos e o Porto Meridional tornam-se eixos de multimodalidade logística na região, os planos futuros incluem ainda o modal ferroviário. Com a proximidade do fim da concessão das ferrovias no País, e com o plano federal para renovação da malha, volta à tona a importância de um terminal rodoferroviário em Vacaria, e que teria,

por exemplo, a RS-484 como um eixo entre o Aeroporto de Vila Oliva e a Rota do Sol, tendo este terminal no caminho, nos Campos de Cima da Serra.

Desde a cheia de 2024, estão desativados os trilhos da região, que tinham ligação com o principal e único ramal ativo da malha ferroviária gaúcha, que liga o Centro

do Estado ao Porto de Rio Grande. Além, claro, de ligar a região aos demais estados do Brasil. O projeto, que seria custeado pela iniciativa privada, já tem área definida desde 2021, às margens da BR-116, no caminho para Lages, em Vacaria.

O terminal multimodal, à primeira vista, é apontado como alternativa de ligação até São Paulo para

o escoamento das safras da região, como da maçã, mas também desperta o interesse do polo industrial metalmeccânico da Serra. A região está entre as principais compradoras de metais vindos da região Sudeste. O uso da ferrovia para integrar às rodovias da região representaria uma importante redução de custos com matéria-prima e logística.

INFRAESTRUTURA



TÂNIA MEINERZ/JC

Restauração de trecho de 25 quilômetros da rodovia deve seguir até o final de 2026, com liberação gradual de pontos na estrada

Obras avançam, mas rodovia BR-470 ainda é um gargalo na Serra Gaúcha

Recuperação da estrada afetada pela enchente de 2024 ocorre entre Bento Gonçalves e Veranópolis, e tem trechos com lentidão

Gabrieli Silva

A rodovia BR-470, na Serra Gaúcha, passa por obras de recuperação no trecho entre os municípios de Bento Gonçalves e Veranópolis. O objetivo é melhorar as condições da estrada, fortemente afetada nas enchentes de 2024. A estrada é uma importante ligação entre a Serra Gaúcha e a Região Metropolitana de Porto Alegre, sendo estratégica para o escoamento da produção.

Enquanto a empreitada acontece, o trajeto no local é difícil e demorado, com sistema de "pare e siga", tornando-se um gargalo logístico para a Serra. Em alguns casos, para evitar ficar parado na rodovia, motoristas preferem fazer um desvio pelo município de Cotiporã.

A estrada concentra hoje 40 frentes de trabalho simultâneas, 472 trabalhadores e 192 equipamentos atuando em 39 pontos de contenção, nos 25 quilômetros de

obras, além da reabilitação da ponte. O sistema de controle de tráfego, que vai liberando veículos alternadamente em cada sentido, por comboios, seguirá pelo menos até o fim do primeiro semestre de 2026.

"Temos um volume muito intenso de obras. São 40 frentes ativas ao longo da rodovia", observa o chefe da unidade do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit) em Passo Fundo, engenheiro Adalberto Jurach, que acompanha a obra. Segundo ele, o modelo de comboio foi adotado para organizar o fluxo diante da quantidade de intervenções simultâneas e permitir a travessia em horários definidos.

Na prática, porém, o impacto no deslocamento ainda é significativo. Em passagem pelo trecho, na volta da Serra Gaúcha em 1º de abril, a reportagem do Jornal do Comércio levou uma hora para percorrer o segmento em obras, em um momento em que ainda não havia operação de "pare e siga".

Atualmente, o tráfego ocorre em horários alternados: pares no sentido Bento Gonçalves-Veranópolis e ímpares no sentido inverso. A expectativa é de reavaliação no segundo semestre, conforme o avanço das obras, mas a liberação total da rodovia deve ocorrer apenas no fim do ano.

Na passagem pela Serra das Antas, chama atenção o impacto ainda visível das enchentes de 2024 sobre o ambiente natural. Em diversos pontos da rodovia BR-470, as encostas seguem expostas, com marcas profundas de deslizamentos que redesenharam a paisagem da Serra.

Há áreas com vegetação suprimida e solo ainda instável, contrastando com pontos onde já se observa regeneração gradual. Ao longo do

trajeto, também chama atenção a quantidade de trabalhadores espalhados pelas frentes de obra, além das estruturas provisórias montadas às margens da rodovia, como contêineres e módulos usados como apoio, descanso e operação das equipes.

As obras avançam em meio a esse cenário, com intervenções diretas nos taludes e margens da rodovia, evidenciando o desafio de conciliar a

recuperação da infraestrutura com a recomposição ambiental de uma região marcada pela presença de mata nativa e relevo sensível.

Os eventos climáticos de maio de 2024 provocaram 102 pontos de deslizamento – alguns com até um quilômetro de extensão – e destruíram completamente oito segmentos da rodovia. O volume de investimentos deve se aproximar de R\$ 800 milhões, sendo cerca de R\$ 500 milhões já aplicados.

Entre as principais obras estão o reforço estrutural da ponte Ernesto Dornelles, a construção de dois viadutos e a execução de estruturas de contenção, como cortinas atirantadas, muros de gabião e barreiras dinâmicas. Até agora, cerca de 70 pontos críticos já foram concluídos.

Mesmo com as restrições, o Dnit avalia que o trecho opera com segurança. Desde a retomada do tráfego, cerca de 60 dias após a interrupção total em 2024, não houve ocorrências graves. O monitoramento é feito 24 horas por dia, com acompanhamento das condições climáticas, o que pode levar a bloqueios preventivos em caso de risco.

Segundo o engenheiro Adalberto Jurach, do Dnit, o modelo atual tem reduzido impactos logísticos. "Para quem se programa, praticamente não há perda de tempo no trecho", diz. Além das obras emergenciais, o Dnit prevê melhorias permanentes, como faixas adicionais – uma já concluída – e a retomada do projeto de duplicação e ampliação de capacidade.

Um novo edital para os estudos deve ser lançado após a primeira tentativa não atrair interessados. Para os próximos meses, a expectativa é de avanço contínuo das obras, com redução gradual das interferências, embora a rodovia deva seguir em obras ao longo de 2026.



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Sistema "pare e siga" é mantido ao longo do trecho de obras da rodovia BR-470, na Serra Gaúcha

SERVIÇOS

Resort francês Club Med deverá ser inaugurado em 2027 em Gramado

Empreendimento instalado dentro do complexo turístico Sirena Gramado funcionará no modelo all inclusive

Ana Stobbe

As obras do complexo turístico e residencial Sirena Gramado já iniciaram. Até o momento, foi realizada a terraplanagem do espaço que receberá a primeira etapa do empreendimento e as fundações começam a ser construídas. A expectativa é de que, conforme contrato firmado com a construtora responsável, a inauguração da primeira fase das obras – que incluem unidade da rede francesa Club Med, um centro de eventos e um espaço para casamentos – seja realizada no dia 1º de julho de 2027.



ANA STOBBE/ESPECIAL/JC

Pedra fundamental das obras foi lançada em março deste ano

As informações foram compartilhadas durante evento simbólico de lançamento da pedra fundamental das obras, realizado no dia 20 de março. O empreendimento é uma

realização conjunta da rede francesa de resorts all inclusive, em uma parceria com o Grupo Sirena e a DC Set Group.

Até o momento, já foram

investidos cerca de R\$ 30 milhões no projeto, conforme o empresário Jaime Sirena, CEO da Star Ópera Incorporadora, responsável pela gestão do empreendimento. Entretanto, novos aportes são esperados: apenas nessa etapa serão outros R\$ 420 milhões. O complexo como um todo está orçado em R\$ 1,2 bilhão, que deverá ser desembolsado gradualmente nos próximos anos.

Em um primeiro momento, estão sendo utilizados recursos próprios e do Fundo de Desenvolvimento do Turismo. Entretanto, há previsão do contrato de financiamentos com o Banrisul, o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) e o Badesul, que deverão responder por cerca de 50% do montante voltado ao hotel. É esperado que essas verbas já comecem a ser utilizadas neste ano.

O Club Med que estará situado no complexo será um resort all inclusive da principal categoria da grife hoteleira: exclusive collection. A certificação é utilizada para apenas cinco das 60 hospedagens do grupo francês ao redor mundo.

Com 450 acomodações, o hotel terá 20 villas em conexão com a natureza. Além disso, contará com uma pista de esqui que poderá ser utilizada em todas as estações – que o CEO do Club Med para a América Latina, Janyck Daudet, garante que será a maior pista de esqui artificial do mundo. No âmbito gastronômico, emerge uma parceria com a marca uruguaia Narbona.

A primeira etapa do empreendimento ocupará uma área de 40 hectares, mas é esperado que o projeto inteiro ocupe 200 hectares. Entretanto, a definição do cronograma das próximas fases e a sua implementação ainda dependem de licenças ambientais, com a execução completa da iniciativa sendo estimada em um período de 10 a 15 anos. Deverão ser gerados, até o fim do prazo, mil empregos diretos no resort.



FRENTE a FRENTE

Licitação é para poucos. Vamos acabar com esse mito.

Acha que licitação é só para "peixe grande" ou que os editais são impossíveis de entender? Participe do Frente a Frente e venha desmistificar os processos licitatórios.

Vagas limitadas e exclusivas para agências associadas ao Sinapro-RS.

Mais informações pelo e-mail gestao@sinaprrs.com.br

Painelistas:



Gabriela Torres
Sócia-diretora
Administrativa-financeira da SPR



Guilherme Romagna
Gerente Administrativo-financeiro da Escala



Ricardo Jaques
Sócio-diretor da Engenho de Ideias



16/04
(quinta-feira)



9h30
Wellcome coffee
início dos painéis 10h



PUC
Famecos,
prédio 7 – sala 318

Inscreeva-se no Symppla



Apoio:



PUCRS
INSTITUTO DE INOVAÇÃO
ARTES E DESIGN

Jornal do Comércio
O JORNAL DE ECONOMIA E NEGÓCIOS DO RS

Realização:

sinapro.RS
ASSOCIAÇÃO SINAPRO-RS
Associação de Agências de Publicidade e Marketing do RS

PAINEL

Evento do Mapa Econômico do RS reuniu lideranças para debate em Veranópolis

Encontro para discutir desafios e oportunidades ao desenvolvimento econômico da Macrorregião da Serra aconteceu no dia 31 de março na Associação Comercial, Cultural e Industrial de Veranópolis (Aciv)



Diretor-presidente do JC, Giovanni Jarros Tumelero



Prefeito de Veranópolis, Cristiano Valduga Dal Pai



Presidente da Aciv, Neivaldo Della Giustina Carvalho



João Augusto Fracasso, secretário de Desenvolvimento de Veranópolis



Alexandra Scopel e Paulo Scopel, presidente do Simecs



Vice-presidente da Femaça, Rubia Cenci Freitas



Gerente regional do BRDE na Serra, José Rafael Wojtowicz



Mateus Gasparin, da Associação de Engenheiros e Arquitetos - AEARV



Relações institucionais do Grupo Ável, Mari Pimentel



Vice-presidente da CIC de Nova Prata, Charles Barbiero da Silva



Paulo Berti, da Mutalys



Willian Machado e Luciano Fernandes, da Fernandes Machado Business Law



CEO da Elevcode, William Ricaldes, e a gerente administrativa da Elevcode, e Gabriela Ricaldes



Médico cardiologista Marcos Boff, de Veranópolis



Prefeito de Vila Flores, Evandro Brandalise



Presidente da Movergs, Vitor Agostini foi painelista



Presidente da CIC Caxias do Sul, Ubiratã Rezler integrou o painel



Inês Marina e José Maria Bortoli, o Zeca Bortoli, proprietário da vinícola Vinuta e um dos painelistas do evento em Veranópolis



Prefeito de Fagundes Varela, Nelton Conte



Elisandra Scussel, o prefeito de Cotiporã, José Carlos Breda, e o vice-prefeito de Cotiporã, Dener Zanella



Prefeito de Dois Irmãos, Jerri Meneghetti, e o secretário de Desenvolvimento Econômico, João Luiz Weber



CEO da Axell, Gustavo Feddersen, e diretor da Axell, Diego Faganello



Pró-reitora de Inovação da UCS, Neide Pessin



Conselheiro do CRCRS, Edmilson Norberto Zortéa



Bruno Fontana Boff, sócio da Boff Empreendimentos



Simone Crestani Ribeiro e Livia Martini Postinger, do Centro de Integração Empresa Escola (CIEE-RS)



Equipe da Cyrela: Robson Durão, Jenifer Candido Machado, Carolina de Oliveira Souza e Marcos Flores

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



Abertura da quarta temporada do Mapa Econômico do RS reuniu mais de 100 lideranças regionais na Associação Comercial, Cultural e Industrial de Veranópolis

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Presidente da Assoc. Amigos da Biblioteca, Marco Antônio Bernardi

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Tais Roncato Fracasso e Juarte Fracasso, da Poletto Metalúrgica

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Diretor-executivo da Coser Indústria Metalúrgica, Guilherme Coser

TÂNIA MEINERZ/JC



Vice-presidente da Abras, Antônio Cesa Longo

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Secretário de Administração de Vila Flores, Gustavo Ferronato

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Bruno Onsi, da vinícola Vinuta, e a advogada Geovana Bacim

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Claudionor Simonetto, da Vinícola Simonetto

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Evandro Bin, da Vinícola Antônio Bin

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Guilherme Ioris de Oliveira e Ártur Paliosa, do Grupo Ável

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Marcelo Paes, do Banrisul



Cesar Antônio Gasparin e Manoela Amantino, da E.R. Amantino

TÂNIA MEINERZ/JC



Lideranças regionais lotaram a Associação Comercial e Industrial de Veranópolis

TÂNIA MEINERZ/JC



Coquetel foi momento de conexão entre os participantes no evento do Mapa Econômico

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Luiz Felipe da Silva,
do Banrisul

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Gerente-geral do Banco do
Brasil, Adriana Dalmás Faé

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



José Luiz Bozzetto (BCM Engenharia) e Thômaz Nunnenkamp (Sindicis)

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Alessandro Barreto,
do BTG Pactual

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



Marcos Antônio e Thais Siviero, da Siviero Empreendimentos

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Fundador da Micromazza,
Antonio Camana

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Daiane Rigo Mossi e Ederson Alves Machado, da cooperativa Sicoob

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Edgar Gilioli, sócio da
Gilioli Organizações Contábeis

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Corretor de imóveis
Paulo Kasmirski

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Willian Berti,
da Mutalys

EVANDRO OLIVEIRA/JC



Rodrigo Cassol Lima,
da Cassol Lima Advogados

DANI BARCELLOS/ESPECIAL/JC



Arthur Fochesatto Panisson,
sócio da FFC Advocacia

MAPA ECONÔMICO DO RS

EDIÇÃO CENTRO

QUARTA-FEIRA

15 / 04

Horário: 17h



PAINELISTAS CONFIRMADOS

José Alberto Aued
Presidente da Olivas do Sul

Rafael Vargas de Quadros
Presidente da CACISCO

Marli Schneider
Presidente do Sindilojas Vale do Jacuí



CACHOEIRA DO SUL
Sociedade Rio Branco
Rua Ernesto Alves,
514 - Rio Branco



ESCANEE O QR Code E PARTICIPE DO EVENTO

Realização

Jornal do Comércio

O jornal de economia e negócios do RS

Apoio



Media partner



Patrocínio:

